

Tribuna ^{da Luta} Operária

ANO V — Nº 187 — DE 1 A 7 DE OUTUBRO DE 1984

Cr\$ 400,00

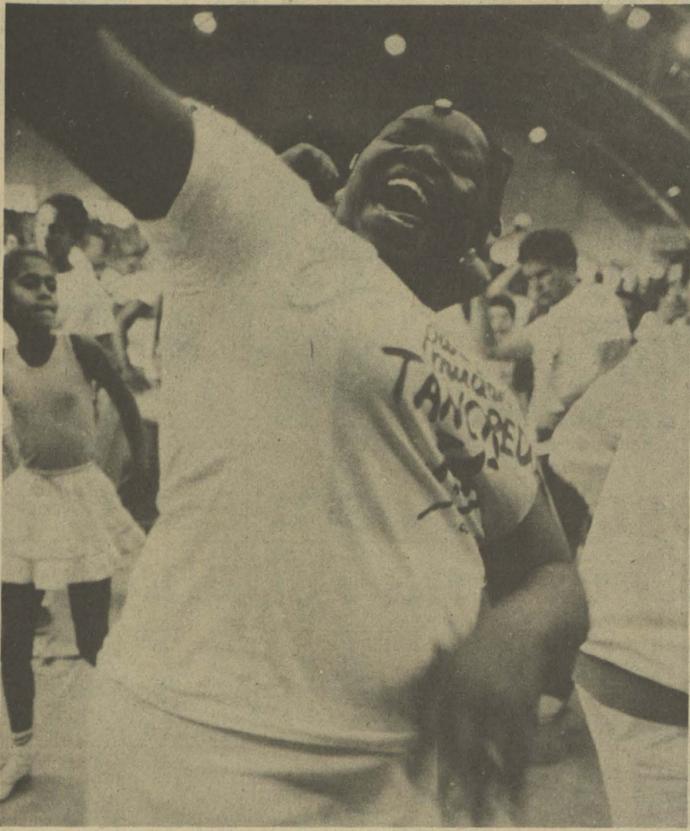


Foto César Diniz
Passista da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde, presente na assembléia

Povo paulista diz o que quer de seu candidato

Assembléia Popular e Democrática com 6 mil presentes apóia Tancredo Neves e propõe programa mínimo de governo. Página 3

EDITORIAL

Uma grande iniciativa

A liberdade e o socialismo estão ao alcance da mão. Mas se faz necessário lutar por eles". Com este espírito foi fundada no último dia 22, em São Paulo, a União da Juventude Socialista.

O fato tem enorme importância. A grande maioria dos trabalhadores brasileiros, no campo e na cidade, são jovens. Ao contar com uma organização própria, sob a bandeira do socialismo científico, estes milhões de operários, camponeses, estudantes, artistas, desportistas, intelectuais, terão melhores condições para incorporar à luta de nosso povo toda sua ousadia, entusiasmo e desprendimento.

Nos debates para aprovar os rumos da nova entidade, ficou evidente a sagacidade da juventude para compreender as tarefas presentes e o futuro do movimento. Como bússola os jovens adotaram o socialismo científico, "destino da humanidade, futuro da classe operária, esperança da juventude". Ao mesmo tempo, como problema imediato, assinalaram que "precisamos da democracia para lutar por uma vida melhor". Na própria solenidade de fundação da UJS manifestaram apoio ao candidato único das oposições. E no outro dia já participaram da Assembléia Popular para discutir a presença do povo na campanha de Tancredo Neves.

O lançamento da UJS contou com a presença de centenas de jovens representando todos os Estados do país, com delegações inclusive de várias cidades do interior. A justeza das orientações traçadas e a grande representatividade do evento indicam que a organização tem excelentes condições para espalhar e aprofundar suas raízes entre as massas juvenis em todo o Brasil. A própria vibração dos participantes fará com que a boa nova seja noticiada rapidamente por todo lado, apesar do boicote costumeiro dos meios de comunicação burgueses.

O ato de fundação refletiu muito bem as características da

juventude. Muita agitação, muito ardor nos debates, muita alegria. Grupos de música, poetas, polarizavam as atenções. Grande curiosidade e interesse pela cultura, pelo esporte e pela ciência. De um lado revelava-se o permanente rebuliço de criança e por outro a seriedade de quem amadurece cedo, sob o peso da opressão. Mas sobretudo evidenciavam-se a esperança e a disposição de abrir caminho para um futuro melhor.

A escolha da primeira coordenação representou também um marco decisivo para o desenvolvimento da União da Juventude Socialista. São todos jovens que passaram pela prova do movimento de massas entre os operários e estudantes, secundaristas e universitários. Foram ou são ainda diretores de entidades, gozam de grande prestígio entre seus colegas.

Não será fácil a caminhada para a construção da UJS. O regime militar é inimigo declarado da liberdade. E odeia ferozmente o inconformismo da juventude. Pretende sufocar qualquer sonho de progresso entre o povo e, mais do que tudo, impedir que a idéia do socialismo chegue aos oprimidos. Mesmo no seio da juventude existirão obstáculos. Uma parcela dos jovens, ainda que passageiramente, se deixa contaminar pela alienação e pelo processo de degeneração promovidos pelo sistema imperante.

Mas as bases estão criadas. A perspectiva é promissora. O êxito depende daqui para frente da dedicação e persistência dos fundadores. E da capacidade para não se limitar aos pequenos grupos. O que se impõe é lançar-se corajosamente, nas fábricas, nos sindicatos, nos centros cívicos, nos diretórios acadêmicos, nos grupos de teatro e de música, nos clubes, nas organizações populares, por todo lado, na cidade e no campo, mobilizando e organizando milhões. Vale a pena entrar nesta briga. E vencer.

240 mil canavieiros parados em Pernambuco

Usineiros usam bandos armados contra grevistas

Severino Nicácio, 42 anos, 12 filhos, morto a tiro na usina São Francisco, é o atestado da sanha de lucro dos patrões do açúcar frente à greve nos canaviais. Bandos armados por usineiros e senhores de engenho ten-

tam impor o trabalho forçado nas plantações, nas barbas das autoridades, embora a greve seja legal. Os trabalhadores resistem com destemor.

Pág. 7



Foto Mazé
No sepultamento, após um ato público, a faixa do PC do B

5 mil camponeses no enterro do líder assassinado

Povo de Santa Luzia e oposições exigem punição dos criminosos de Nonatinho. P.4

Metalúrgicos do Rio têm 10% acima do INPC

Campanha mobilizadora garantiu expressiva vitória. Página 7

Gaúchos vão às ruas no "Grito do Campo"

Agricultores do Rio Grande preparam protesto monstro. Pág. 6

Protesto contra novo aumento do leite em Minas

Mulheres vão às ruas da capital mineira para denunciar falta de leite para crianças. Pág. 6

FlaXFlu: Maluf perde no campo e na torcida

No clássico, o candidato do regime foi repudiado pelos torcedores do Flamengo e do Fluminense. Pág. 9

Novo bônus do BNH é isca para fisgar mutuários

O objetivo é tentar barrar a onda das inadimplências. Página 4

Garra e alegria deram o tom na fundação da UJS

Reunião com delegações de 20 Estados cria União da Juventude Socialista. Manifesto, pág. 5; reportagem, pág. 10



Foto César Diniz

Nos intervalos, shows e palavras de ordem



Sionistas patrocinaam nova chacina no Líbano

Usando mercenários, os sionistas de Israel cometeram um novo massacre no sul do Líbano, no último dia 21. Desta vez 14 moradores da aldeia de Sohmor foram assassinados por milicianos do "Exército do Sul do Líbano", que invadiram suas casas. Do saldo da chacina ainda constam 22 feridos e 33 reféns levados para o campo de concentração de Ansar.

O "Exército do Sul do Líbano" é composto por mercenários treinados e financiados por Israel, dirigidos pelo general Antoine Lahad. Os sionistas já apelaram para seus serviços criminosos, quando organizaram a chacina de Sabra e Chatila, onde mais de 3 mil crianças, mulheres e velhos palestinos foram mortos a sangue frio. E Israel não quer prescindir tão já do precioso trabalho das milícias mercenárias: pretende que elas compartilhem com efetivos das Nações Unidas a vigilância e o controle militar do Sul do Líbano, para que as tropas sionistas retornem a seu país de origem.

No presente massacre, tam-

bém foi notória a participação dos invasores israelenses. Os oficiais sionistas determinaram que todos os homens da aldeia de Sohmor, com idades entre 15 e 60 anos, se reunissem num local próximo do povoado para serem interrogados sobre uma emboscada que teria havido a uma patrulha do Exército do Sul do Líbano. Cerca de 500 pessoas foram reunidas no local, o que possibilitou que os milicianos do ESL invadissem a aldeia — tornada indefesa — e disparassem rajadas de metralhadora e jogassem granadas contra a população. A resposta da população não tardou — após o massacre já ocorreram três ataques contra as

posições do exército israelense em Tiro e Sidon.

A aventura sionista no Líbano custou ao povo de Israel, até o momento, mais de 600 mortos e 3 mil feridos. O objetivo do ataque militar — liquidar com a Organização para a Libertação da Palestina — não foi alcançado, e nem a intenção de impor um governo pró-Israel no Líbano apresentou, até o momento, um resultado satisfatório para os invasores.

Por outro lado, a crise econômica israelense ficou ainda mais aguda após a guerra. A invasão do Líbano custou 2,5 bilhões de dólares — 1/3 da dívida externa de Israel. A inflação no país é de 400% ao ano, o que está resultando na queda incessante do nível de vida. Segundo estatísticas oficiais, 500 mil, dos 4 milhões de habitantes de Israel, estão em condições de existência abaixo do nível de pobreza.

FMI e BIRD querem prolongar agonia dos endividados

Nesta última semana de setembro, o FMI e o BIRD cumprem seu ritual anual. Realizam mais uma reunião de balanço e perspectivas, na qual os países imperialistas estabelecem as regras de conduta para os dominados. Desde 1982 estas reuniões têm tido um destaque especial. A crise da dívida externa eclodiu com a Polônia, no fim de 1981. Mas foi em setembro de 1982, no chamado "setembro negro", que a reunião anual do FMI esquenteou, com o México. A partir daí foi grande a turbulência no mercado financeiro.

Em 1983 foi a vez do Brasil, que também por volta de setembro se transformou no epicentro da crise. Portanto já faz três anos que a crise do sistema imperialista avança para uma quebra geral.

Uma das armas dos banqueiros é o otimismo profissional (na base do "está tudo bem", pode levar mais dinheiro emprestado).



Cofres do FMI: a serviço do imperialismo

Isto está sendo explorado ao máximo em 1984. O clima da reunião, forçado pelos americanos, é o da "saída da crise". Dizem, com calculado alívio, que neste ano não há nenhum problema grave — leia-se nem Brasil, nem México — e que o pior já passou. Nada mais falso. A dívida dos

países dominados continua aumentando. Os acordos recentes com o México e a Venezuela dão uma visão do que poderá acontecer no segundo round da crise da dívida.

Os acordos recentes já assinados e o que está sendo negociado pelo Brasil transformam o problema da dívida externa numa doença aguda e prolongada. As renegociações elevam os prazos para 12 e 14 anos, demonstrando que os banqueiros querem prolongar e ampliar a dominação. Aí surge uma segunda etapa no problema — a crise dos juros. A explosão de 1982 e 1983 foi centrada nas amortizações da dívida. Agora estão pondo lenha na fogueira dos juros.

A dilatação dos prazos traz embutido um fenômeno perverso. Os banqueiros consideram o aumento dos prazos como concessões. Querem em troca a total liberalização do comércio exterior (do tipo salve-se quem puder) e a transformação de partes das dívidas em capital de risco. Ou seja, querem, ao invés de fornecer empréstimos, ter ações das empresas dos países dominados. No Brasil as empresas em vista são as estatais lucrativas, como, por exemplo, a Vale do Rio Doce, que tem sido insistentemente citada por alguns banqueiros estrangeiros.

Argentina luta para que crimes dos militares sejam julgados

Na semana passada, o Conselho Supremo das Forças Armadas argentinas anunciou que não dispõe de provas necessárias para julgar por violações dos direitos humanos os militares que dirigiram o país entre 1976 e 1983. Ao mesmo tempo, crescem as críticas da organização Mães da Praça de Maio e de outras entidades ao governo Alfonsín, por não ir a fundo na punição dos militares criminosos.

O Conselho Supremo das Forças Armadas foi encarregado pelo presidente Alfonsín de julgar os membros das três Juntas Militares que comandaram a ditadura militar na Argentina, pelos crimes praticados contra a oposição. No dia 25 último, o Conselho considerou que não há como submeter os ditadores a julgamento, pois as denúncias de seus crimes foram feitas por "pessoas implicadas nos fatos denunciados, ou por seus parentes, e consequentemente sua objetividade e credibilidade são relativas"...

O fato ocorreu poucos dias após o presidente Raul Alfonsín ter recebido o relatório da Comissão Nacional de Pessoas De-

saparecidas, criada pelo governo, dando conta da existência comprovada de 8.961 desaparecidos no país entre 1976/1982, 258 centros clandestinos de detenção e uma lista de 896 oficiais diretamente envolvidos nos seqüestros, torturas, extermínios e saques às propriedades das vítimas.

O relatório foi entregue ao presidente da Argentina pelo escritor Ernesto Sábato, que revelou que o número de desaparecidos é "talvez imensamente muito mais amplo" e que o medo ainda existente na população impediu e evitou muitas denúncias. Na solenidade de entrega, compareceram diante da Casa Rosada mais de 200 mil pessoas, na maior ma-

nifestação política do país desde a posse de Alfonsín, gritando: "Ontem repressão, agora justiça!"

POSIÇÃO OSCILANTE

Mas o presidente Raul Alfonsín continua numa posição oscilante em relação ao assunto. A organização Mães da Praça de Maio — que mesmo sob a ditadura fascista cobrava nas ruas informações sobre seus parentes seqüestrados pela repressão — não compareceu à solenidade de entrega do relatório. A entidade discorda da decisão do governo de que os militares sejam julgados pelos seus colegas de farda que compõem a Justiça Militar. A recente manifestação do Conselho Supremo das Forças Armadas só faz confirmar a justeza da crítica das Mães da Praça de Maio. Elas agora levam para a praça fotos dos militares criminosos exigindo a sua punição.

Por outro lado, a imprensa argentina denunciou que continuam existindo no país os campos de concentração clandestinos, onde permanecem encarcerados presos políticos que os militares ainda não conseguiram exterminar. O governo Alfonsín não se mostrou eficiente, até o momento, para localizar esses presidios.

Ao mesmo tempo, o presidente argentino impediu a divulgação dos nomes dos militares envolvidos nos crimes contra a oposição durante o período da ditadura. E no início deste mês, sete desses militares foram promovidos de coronéis a generais.



Entre 1938 e 1981 a indústria cresceu 148 vezes e é a base do desenvolvimento econômico...

Crescente bem-estar do povo na Albânia

Nos anos de poder popular, a economia albanesa vem apresentando um crescimento vertiginoso, que supera os índices mundiais. De 1938 a 1981 a indústria cresceu 148 vezes e a agricultura quintuplicou sua produção. Ambas respondem hoje por 85% das necessidades nacionais. Esta economia pujante é a base do crescente bem-estar material e cultural dos albaneses.

É importante assinalar que a Albânia vem conseguindo essa formidável evolução com base nas suas próprias forças. "Esticamos as pernas conforme o tamanho do cobertor", costumam dizer os albaneses. Foi assim que a sociedade agrária atrasada do início dos anos 40 acabou se transformando no país industrial-agrário de hoje, obtendo constantes vitórias na edificação do socialismo e caminhando rapidamente para se tornar um país industrial dotado de uma agricultura moderna, sem macular um milímetro a sua independência e soberania.

Ao longo dos últimos 40 anos a industrialização socialista tem sido a base do desenvolvimento econômico albanês, consumindo 45% dos investimentos estatais. O processo de nacionalização desencadeado em dezembro de 1944, dias após a libertação, levou a que, já em 1947, toda a indústria albanesa se tornasse propriedade social, isto é, do povo, através do Estado. De lá para cá, os resultados da sua evolução foram surpreendentes, em alguns casos fantásticos, a começar pela total eletrificação do país, conseguida em outubro de 1970. Hoje, a Albânia, apesar do seu minguado território, é auto-suficiente em energia elétrica, que exporta aos países vizinhos, e também em petróleo, cujos derivados, que antes importava, agora exporta.

Em cromo é o quarto país produtor e o segundo exportador do mundo. Dispõe de boas reservas e modernas fábricas de elaboração de cobre, ferro-níquel e carvão. A indústria mecânica, que em 1948 possuía apenas um pequeno torno dado pelos alemães como reparação de guerra, atende hoje a 95% das necessidades do país. A indústria química, recente, satisfaz inteiramente a demanda nacional. Nos anos de poder popular, foi notável o desenvolvimento de outros importantes ramos industriais, como o de materiais de construção, vidro e porcelana, madeira, papel e papelão, farmacêutico, gráfico etc. A indústria têxtil albanesa responde por 85% do que o país necessita e ainda exporta 20% de sua produção. A de alimentos é vasta e variada: conservas de frutas e legumes, bebidas, carnes, pescado, sucos e essências, produtos infantis etc. Somente em uma semana de trabalho, em 1975, a

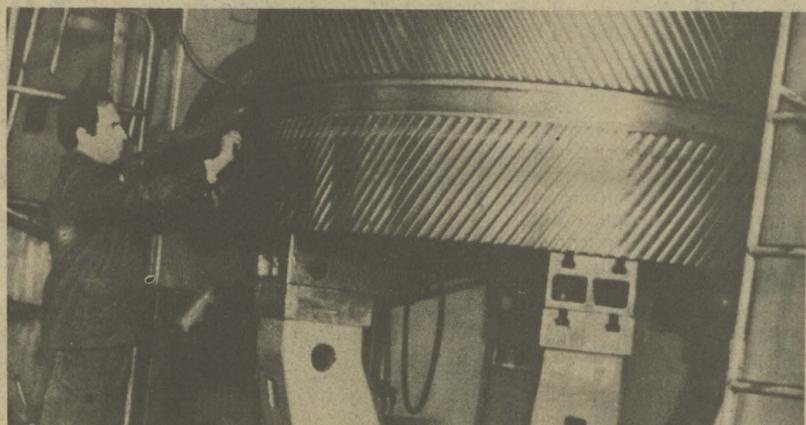


indústria alimentícia superou a produção registrada em todo o ano de 1938.

ECONOMIA PLANIFICADA

Uma das características do sistema econômico albanês e que chama a atenção do visitante estrangeiro, é a planificação da economia. Lá nada se faz à margem do plano estatal, geral e único, o plano quinquenal de desenvolvimento econômico e cultural. O plano é uma minuciosa programação da economia que vai desde a fixação das metas para a indústria e a agricultura, até a previsão da circulação de mercadorias, a oferta de vagas nas escolas, a construção de casas. Essa planificação da economia é exigida pela propriedade social dos meios de produção que existe num país socialista como a Albânia. O plano funciona como um regulador da economia. Isto é, ajusta a produção às necessidades de consumo apresentadas pela sociedade, de modo que nada falte e nada seja produzido em excesso. No capitalismo, quem exerce essa função é o mercado, já que neste sistema a propriedade dos meios de produção é privada. Por isso que, no capitalismo, o equilíbrio econômico volta e meia se rompe e advêm crises que agravam muito as condições de vida dos trabalhadores. No socialismo, com a planificação, o equilíbrio nunca é rompido e a economia marcha em ritmos acelerados e constantes, o que permite uma melhora crescente das condições de vida da população.

Os planos quinquenais — o atual é o VII — começaram a vigorar na Albânia em 1951. Antes foram realizados planos anuais e um bienal. É que a planificação não cai de pára-quebras num país, mas realiza-se progressivamente, na medida em que a propriedade dos meios de produção vai se transformando de privada em social. Só para se ter uma idéia melhor, o I Plano Quinquenal (1951/55) transformou a Albânia de país agrário atrasado em país agrário-industrial. Nestes cinco anos a indústria cresceu 179%, a renda nacional aumentou 70%, o salário dos operários 20% e o dos cooperativistas em 35%. Em 1960, ao final do II Plano Quinquenal, estava criada a base material e técnica para a edificação do socialismo. E é por via, entre outras coisas, dos planos quinquenais, que a Albânia vem seguindo como um país livre das crises, que satisfaz cada vez mais as necessidades da sua população. (Luís Manfredini)



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

... que garante cerca de 85% das necessidades nacionais e ainda a exportação de produtos



As Mães da Praça de Maio querem punição para os criminosos

A BATALHA DA SUCESSÃO

Assembléia Popular reúne 300 lideranças de Cachoeirinhas

Cerca de 300 lideranças populares participaram da Assembléia Democrática e Popular em apoio a Tancredo Neves realizada dia 20 de setembro, no Cine River, em Cachoeirinhas — Grande Porto Alegre.

O programa mínimo a ser proposto ao governo oposicionista aprovado no encontro, incluiu o rompimento dos acordos com o FMI, Constituinte livre e soberana e liberdade de organização partidária. Entre outros, participaram o prefeito da cidade, lideranças do PDT, PMDB e o representante da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, Edson Silva.

Recital em homenagem ao candidato das oposições

O pianista Artur Moreira Lima ofereceu, no domingo, dia 23, um recital de piano ao candidato das oposições à Presidência, Tancredo Neves. O espetáculo, gratuito, ocorreu no Teatro Municipal. Longamente aplaudido por cerca de mil ouvintes, o músico tocou "Carinhoso", de Pixinguinha, em homenagem a Tancredo, a quem pediu maior vigilância para com os malufistas. Uma insignificante parcela do público — supostamente malufistas e petistas — tentou ensaiar uma vaia mas foi contida pela maioria, que respondeu com aplausos.

"Maluf na Presidência, nem pensar", diz Chico Buarque

"Não dá nem para pensar no Maluf presidente do Brasil. O nosso povo já sofreu muito com o fascismo." A declaração é do cantor e compositor Chico Buarque de Holanda. Os artistas pretendem se reunir para apresentar ao candidato das oposições, Tancredo Neves, as reivindicações que esperam ver atendidas pelo governo de transição democrática, segundo informou Chico Buarque à Tribuna Operária.

Criado em Maceió o Comitê de Mulheres Pró-Tancredo

Foi criado, no dia 17, em Maceió, o Comitê de Mulheres Pró-Tancredo. Participam a União de Mulheres de Maceió, mulheres parlamentares do PMDB, médicas, jornalistas, lideranças estudantis, personalidades locais, arquitetas, além de esposas de parlamentares do PMDB e PDS. O Comitê já programou várias atividades para reforçar a campanha Tancredo entre as alagoanas.

Pesquisa em Alagoas confirma favoritismo de Tancredo Neves

As mulheres alagoanas estão com Tancredo. E por goleada. Isso ficou muito claramente demonstrado com os resultados de uma prévia popular realizada pela União de Mulheres de Maceió. As urnas foram colocadas no Mercado Público, na fábrica Sococo, no Centro de Estudos Superiores e no centro da cidade. Dos 3.390 votos, o candidato das oposições teve 2.880 contra apenas 345 para Maluf, 50 brancos e 57 nulos, conforme informou a presidente da União de Mulheres, Tais Normande.

Boneco do candidato do regime é pisoteado por populares

No sábado, dia 22, colaboradores da Tribuna Operária decidiram realizar um mutirão com o jornal no Mercado Público de Maceió, usando bonecos de Paulo Maluf e Tancredo Neves. No final, o povo pisou e rasgou o boneco representando Maluf, enquanto Tancredo continuou recebendo aplausos.

Malufistas pedem emergência contra o povo brasileiro

Desesperados, os malufistas desencadearam uma ostensiva campanha pedindo as famigeradas medidas de emergência, ou até mesmo o estado de emergência, durante a reunião do Colégio Eleitoral em janeiro. Acuados com a pressão popular, eles sabem que poucos eleitores terão a coragem de votar em aberto no trombadinha Paulo Maluf. Por isso, não querem que o povo acompanhe a escolha do novo presidente da República.

Governo faz pressão sobre os órgãos de comunicação

O regime já iniciou as pressões contra os órgãos de comunicação que estão apoiando o candidato único das oposições, Tancredo Neves ou, simplesmente, noticiando os comícios e as manifestações promovidas pela Aliança Democrática. Há poucos dias, o porta-voz do Planalto, Carlos Atila, a diretora da Censura Federal, Solange Hernandez, e o diretor-geral do Dentel, coronel Fernando Neiva, estiveram reunidos discutindo as "formas" para abrir espaços a Paulo Maluf junto às empresas jornalísticas. A iniciativa faz parte do plano de 13 pontos dos ministros militares destinado a favorecer Maluf.

Abert reage e diz que é dever da imprensa noticiar os fatos

Mas a reação dos planos do governo na área de comunicação não tem sido das melhores. Respondendo ao ministro Haroldo Corrêa de Mattos, das Comunicações, que ameaçou as emissoras de rádio e teve que não estão apoiando Maluf, lembrando os "compromissos que a concessão lhes confere", o presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Joaquim Mendonça, afirmou: "Não cabe às emissoras reduzir o tom dos comícios políticos, como querem algumas pessoas do governo. O dever da radiodifusão é registrar o que está acontecendo".

PT atola-se ainda mais no perigo do malufismo enrustido

"Foi o nosso fim, e um fim melancólico", disse o deputado catarinense Luis Henrique, referindo-se à reunião do grupo Só-diretas, no último dia 20, à qual compareceram apenas 17 dos 62 parlamentares que chegaram a participar desta articulação. Além disso, a maioria dos presentes deixou claro que para derrotar Maluf irá ao Colégio Eleitoral e votará em Tancredo. Mesmo assim o deputado Manoel Costa, um dos mais empedernidos do grupo, alardeando sua miopia política, ainda veio à imprensa falar sobre a necessidade do Só-diretas permanecer organizado!

De certa forma não foi um fim tão melancólico. Afinal, o desfecho foi favorável ao sentimento das forças democráticas, no sentido de derrotar Figueiredo e seu protegido, Paulo Maluf.

Em pior situação está o PT. A imprensa divulgou anotações de Maluf computando quatro votos deste partido a seu favor no Colégio Eleitoral. Furioso, o presidente do PT, Lula, declarou: "Não iremos ao Colégio Eleitoral para votar em Tancredo, muito menos em Maluf".

Este "esclarecimento", se for de fato levado à prática, daria não apenas quatro, mas oito votos favoráveis a Maluf! Como a sucessão será via Colégio Eleitoral, a vitória da oposição só será possível com a soma de todos os votos de quem é contra o regime. A ausência, queira ou não o sr. Lula, beneficia Maluf. É por isso que o candidato trombadinha está pagando a preço de ouro qualquer abstenção no dia 15 de janeiro.

Na votação da emenda Dante de Oliveira, se pelo menos 22 dos 113 pedessistas que não compareceram ao plenário tivessem votado a favor das diretas-já, a medida seria aprovada. A abstenção serviu a Figueiredo. Na ocasião toda a oposição, inclusive o PT, condenou esta covardia.

Este "malufismo enrustido" está levando o PT para um beco sem saída. O ato que pretendia organizar contra Tancredo no próximo dia 5 de outubro em São Paulo esvaziou-se. O show que seria realizado dia 29 de setembro para arrecadar fundos foi suspenso por falta de artistas. O deputado Sérgio Santos, de São Paulo, está ameaçado de expulsão porque manifestou seu apoio ao candidato das oposições. E vai por aí, numa marcha acelerada, esta sim, para um "fim melancólico".

Congresso dos Municípios apóia candidato único

O município paulista de Campos de Jordão, cuja Prefeitura foi arrebatada ao PDS pelo jovem João Paulo Ismael, do PMDB, nas eleições de 1982, sediou na semana passada o 28º Congresso Nacional dos Municípios. Com cerca de um milhão de participantes entre prefeitos, vereadores e assessores, além dos governadores Franco Montoro e Leonel Brizola, do vice-governador Orestes Quêrcia (SP) e do secretário do Interior Nelson Friedrich (PR), entre outras personalidades, o Congresso refletiu a polarização em torno da sucessão presidencial. E terminou com uma manifestação do prestígio da candidatura oposicionista.

Na sexta-feira, dia 21, os participantes do Congresso ouviram do governador Leonel Brizola, pela primeira vez em público, uma declaração mais enfática em apoio a Tancredo Neves na disputa com Paulo Maluf pela sucessão presidencial. Foi o sinal para que todo o plenário se levantasse num estrondoso aplauso que marcou o ponto alto do Congresso. Representantes das Prefeituras e das Câmaras de Vereadores, inclusive os filiados ao PDS, manifestaram assim sua convicção de que o estrangulamento dos municípios não tem remédio exceto através de uma ruptura com o regime atual.

Comentando o momento atual para os delegados, o vice-governador paulista, ex-prefeito e líder da Frente Municipalista, Orestes Quêrcia, sublinhou: "Este é o desafio histórico: derrotar o regime autoritário e tecnocrático e instaurar uma realidade nova que contenha meios e formas que coibam eficazmente novas aventuras antipopulares e antinacionais".

O Congresso debateu também alternativas para os municípios frente à crise atual — que atinge inclusive Campos de Jordão, cidade turística hoje atacada de inchaco pelo êxodo rural.



A reunião contou com mil participantes



Mais de 6 mil participaram da assembléia "dos massacrados por esta política nefasta que nós vamos banir"

Povo paulista quer voz ativa na luta sucessória

"Não somos simples espectadores — pelo contrário —, somos os principais agentes deste processo que visa realizar as profundas mudanças que o país anseia" — dizem centenas de entidades e mais de 6 mil populares que lotaram o Ginásio do Pacaembu, na Assembléia Popular e Democrática de São Paulo, domingo, dia 23, ao dar seu apoio à candidatura Tancredo Neves.

A Assembléia, primeira manifestação pública pró-Tancredo em São Paulo, foi considerada pelo senador Fernando Henrique Cardoso como uma mostra de "unidade na ação contra o governo". Para o presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, foi

"uma grande reunião" na luta "dos massacrados por esta política nefasta que nós vamos banir dentro em pouco com a eleição de Tancredo".

Convocada a princípio por um grupo de sindicalistas e líderes de entidades populares, a reunião ter-



Ulysses, à mesa, com Fernando Henrique: "Uma grande reunião"

A palavra dos comunistas

Dyneas Aguiar, que falou em nome da Comissão pela Legalidade do PC do B, foi um dos oradores mais aplaudidos na Assembléia ao lado de Ulysses Guimarães e Fafá de Belém. Fugindo à regra geral, ele preferiu ler seu discurso, detendo-se na análise dos rumos da campanha Tancredo.

"Ameaças, chantagens, perseguições, medidas de força e o arbítrio — frisou Dyneas — são os meios chamados legítimos pelos detentores do poder em sua linha continuista. Figueiredo e os generais que o sustentam não se consideram totalmente derrotados e procuram investir contra o povo e a oposição. Fazem ameaças e tentam acuar a oposição, limitar sua ação e confiná-la.

"Os que imaginaram que a disputa no Colégio Eleitoral seria uma simples contagem de votos e a proclamação de votos e a proclamação do eleito vão compreendendo que a batalha será bem mais encarniçada e que devemos estar atentos, vigilantes, prontos para a luta no terreno e no nível que for necessário."

"REFLUIR SERIA UM ERRO"

"Esta campanha presidencial distingue-se de todas as demais já ocorridas no país. O que está em causa não é a simples campanha presidencial, mas a continuidade ou o fim do regime militar que há 20 anos oprime nosso povo e entrega a nação à voragem da espoliação imperialista.

"Seria um erro grave das oposições refluir neste momento. Se o campo de batalha do inimigo são os gabinetes e os conciliabulos fechados, o nosso é a praça pública, são as fábricas, as fazendas, as escolas, os bairros da periferia — é, enfim, onde está o povo sofrido e trabalhador, o mais interessado no fim do regime militar, na conquista das li-



Dyneas Aguiar: dos mais aplaudidos

berdades e da independência nacional.

"Esta batalha exige, por um lado, firmeza e espírito de luta e, por outro amplitude e flexibilidade — enfatizou o orador. O radicalismo estéril e o doutrinário vazio, como os usados pelo PT e outros setores, só servem ao regime e são, objetivamente, apoio de fato à candidatura Maluf.

"Nós, comunistas que lutamos pela legalidade do PC do B, estamos dispostos a tudo fazer para a vitória do candidato único das oposições, para a vitória de Tancredo Neves. E o faremos apoiados no sentimento da imensa maioria da nação, que se poderia sintetizar em poucas palavras de ordem: Pelo fim do regime militar! Pela Assembléia Constituinte livre e soberana! Pela conquista de amplas liberdades democráticas! Pelo direito de organização partidária a todas as correntes de opinião! Em defesa da soberania nacional, fora com o FMI e anulação dos acordos lesivos aos interesses da nação! Por melhores condições de trabalho e de vida para o povo! Pela reforma agrária! Pela unidade popular e democrática de todos os setores ao regime! Pela vitória do candidato único das oposições, Tancredo Neves!"

minou por conquistar novos e importantes apoios. E teria uma expressão de massas ainda mais significativa caso todos os setores engajados mostrassem a mesma garra que teve, por exemplo, o município do Embu — presente com mais de 300 populares, além do prefeito Nivaldo Orlandi.

Além do PMDB, o PDT paulista fez-se representar por sua vice-presidente, Terezinha Zerbin. "O PDT está aqui — disse ela — unido com outras correntes políticas, para conseguir as mudanças que o país exige." O deputado federal Farabullini Júnior falou "em nome da Frente Trabalhista, uma dissidência do PTB", prometendo "pressionar um por um os deputados do PTB, e os que não votarem em Tancredo serão levados à execução pública". Presente também o deputado estadual Sérgio Santos, do PT, em desafio à posição ambígua de seu partido, equidistante de Tancredo Neves e Paulo Maluf. Representações pró-legalidade das organizações não reconhecidas — PCB, MR-8 e PC do B (veja o quadro) — também se pronunciaram.

Os discursos foram incisivos ao responder as notas dos Altos Comandos do Exército e da Aeronáutica, publicadas nos jornais da véspera. "Podem vir os trovões. Podem vir as ameaças. Somos marinheiros experientados" — assinalou Ulysses Guimarães, para quem "é preciso, com coragem, expulsar do governo o inimigo do povo e dos trabalhadores brasileiros".

Em nome da recém-fundada União da Juventude Socialista, o ex-presidente da UNE, Aldo Rebelo, foi ainda mais enfático: "Por mais que esperneiem os generais do Planalto, por mais que se sucedam notas curtas de idéias, nós vemos o povo unido reafirmar sua vontade de luta contra o regime".

Já Cláudio Spiciatti Barbosa, presidente do Sindicato dos Metroviários, afirmou: "Se a gente não conseguiu derrubar o regime e conquistar as diretas, vamos enfrentá-lo no seu próprio campo. A candidatura Tancredo, para se legitimar, tem que ir para as ruas, pois só com o povo participando conseguiremos as mudanças que o país reclama".

MALUFISTAS SE CUIDEM

No meio do povo presente, não era difícil constatar o prestígio crescente da candidatura única das oposições. Dona Maria Conceição Rocha, dona-de-casa e presidente da Sociedade de Bairro de Matão, Sumaré, garantiu que "no meio do povo não tem mais Maluf nem PDS", agregando: "Eu sei por que eu ando nos bairros".

A Assembléia aprovou um documento, que será entregue a Tancredo Neves, prometendo organizar Comitês de campanha "para levar às praças públicas o povo paulista" e estabelecendo um programa mínimo. Eleições diretas em todos os níveis; convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana, em um clima de amplas liberdades; rompimento dos acordos com o FMI; e um programa de emergência contra a fome, a miséria e o desemprego estão entre os pontos destacados.

A Assembléia contou ainda com a presença dos artistas Bruna Lombardi, Carlos Ricelli, Célia, Cacilda Lanuza, Renato Consorte e Fafá de Belém, que mesmo sem acompanhamento terminou cantando o "Menestrel das Alagoas" em resposta à insistência do público (Bernardo Fontes e Umberto Martins).

Cerca de 5 mil camponeses no enterro de Nonatinho

Num clima de grande revolta, realizaram-se no último dia 19 em Santa Luzia, no Maranhão, o enterro e o ato político de repúdio ao assassinato do líder sindical Raimundo Alves da Silva, que reuniram cerca de 5 mil pessoas. Nonatinho, como era conhecido, era tesoureiro do STR local e dirigente regional do Partido Comunista do Brasil.

Logo às dez horas da manhã o corpo do sindicalista foi levado de sua casa para a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Santa Luzia. O cortejo seguiu já repleto de faixas e cartazes empunhados pelos camponeses do município e por seus amigos e conhecidos que chegaram de diversos pontos do Estado. O velório realizou-se na sede da entidade, da qual Nonatinho foi o seu primeiro presidente e sócio número um.

As 14 horas o caixão do líder sindical foi colocado na calçada da sede sindical e iniciou-se o ato público de repúdio à violência no campo. A manifestação contou com a participação de 14 STRs e do representante da Fetaema (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Maranhão); do presidente da Fetaima (Federação dos Trabalhadores na Indústria) e mais quatro Sindicatos e Associações de Trabalhadores urbanos; representantes do DCE da UEMA e do DA de Economia; além de diversas entidades populares e democráticas, como União de Mulheres de São Luís, Comissão de Justiça e Paz, Comissão Pastoral da Terra. Também estiveram presentes os representantes da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, Diretório Regional do PT, do PDT e do PMDB; os vereadores dos municípios de Santa Luzia, Santa Inês, Esperantinópolis e São Luís e os deputados estaduais Luis Pedro e Haroldo Sabóia. O deputado federal José Luis Guedes, de Minas Gerais, participou do ato representando o Diretório Nacional do PMDB e vários parlamentares do Congresso Nacional.

ASSASSINOS IMPUNES

Nonatinho foi morto a tiros, covardemente, por dois pistoleiros, no último dia 17. No seu enterro o STR distribuiu uma carta em que são denunciadas os mandantes e



No enterro de Nonatinho, lavradores e parlamentares prometem: "sua morte não ficará impune"

os executores do assassinato. Segundo a denúncia, vários conflitos de terra tinham feito com que o Sindicato recebesse constantes denúncias, como as questões da rua dos Marimbondos e do Centro dos Corcondas; a luta na Lagoa do Capim, envolvendo o grileiro e assassino José Marciano e os conflitos na fazenda Karimã, pertencente a um grupo paulista. Esses grileiros, juntamente com o ex-prefeito Otávio Rodrigues e o ex-dirigente do STR, o pelego Honorato Santana, estão envolvidos no assassinato do líder sindical, de acordo com as denúncias.

BANDEIRA DO PC DO B

Durante a manifestação os 50 oradores inscritos foram unânimes em responsabilizar o regime militar pela violência brutal no campo e pela impunidade dos assassinos. Esta impunidade só tem feito os conflitos se alastrem, já atingindo 80% das terras da região. Também foi lembrado o assassinato, em dezembro de 1982, de Elias Zí Costa, membro da diretoria do STR, e de outros três lavradores. Elias foi baleado num domingo, às sete horas da manhã, em frente ao Mercado Municipal, pelo grileiro José Marciano e seus três filhos pistoleiros. Até hoje continuam livres, praticando outras arbitrariedades.

O ato público terminou às 17:30 horas, quando se iniciou uma passeata com quase 5 mil manifestantes em direção ao cemitério de Santa

Denúncia em Brasília

De volta de Santa Luzia, aonde participou dos funerais do líder sindical Nonatinho, o deputado federal Luis Guedes (PMDB-MG) utilizou a tribuna da Câmara Federal para fazer uma contundente denúncia contra a extrema violência que presenciou no interior do Maranhão. Guedes criticou a ação assassina dos grileiros e fazendeiros da região, que usam de jagunços para expulsar os lavradores da terra e silenciar suas combativas lideranças. Também informou dos contatos que manteve com o Secretário de Segurança Pública, quando lhe falou da gravidade da situação e do fato de que os assassinos de Elias Zí Costa, também dirigente do STR local, já tem prisão preventiva decretada, embora se encontrem soltos e sejam suspeitos de envolvimento no crime contra Nonatinho.

O discurso de Luis Gue-

des causou forte emoção entre os parlamentares de diferentes partidos que se encontravam em Brasília, principalmente quando narrou o clima de solidariedade geral que cercou os funerais do camponês.

Também o deputado Luis Pedro pronunciou discurso na Assembleia Legislativa do Maranhão. Após lembrar os contatos com o secretário de segurança, o parlamentar encerrou seu discurso afirmando: "As promessas do secretário serão cobradas não somente por mim e por meus companheiros de bancada. Mas, principalmente, pelos camponeses de Santa Luzia de todo Maranhão. Nonatinho era o número um do Sindicato e o número um no coração do povo sofrido da região do Pindaré. Seu sangue não jorrou em vão. Sua morte nos dá mais força para continuar a luta." (das sucursais)

Luzia. A caminhada espelhou bem o clima de revolta da população. No trajeto de dois quilômetros, os manifestantes, acompanhados pela família de Nonatinho (mulher e 11 filhos), não pararam de gritar: "Companheiro Nonatinho, você será vingado"; "O povo unido não tem medo, abaixo a grilagem e o governo Figueiredo".

Também foi cantado por diversas vezes o Hino da Reforma Agrária, que tanto o sindicalista gostava de ensinar a seus companheiros. No momento de seu enterro, o caixão de Nonatinho foi coberto com uma bandeira vermelha do Partido Comunista do Brasil, partido pelo qual ele lutou durante longos anos de sua vida. (da sucursal)



O teatro foi completamente destruído pelas chamas em apenas duas horas.

Incêndio do Tuca pode ser obra da direita

Na noite do sábado dia 23, o Teatro da Universidade Católica (Tuca) foi destruído por um incêndio, iniciado às 19h30m ao que tudo indica por obra de extremistas de direita. Será necessário pelo menos Cr\$ 5 bilhões para recuperar o teatro, mas a comunidade universitária e outros setores da população já lançaram uma campanha de reconstrução.

Em menos de duas horas o fogo destruiu praticamente todo o prédio. No mesmo dia 23 de setembro, há sete anos, o campus da PUC foi invadido pelas forças policiais do coronel Erasmo Dias. Por uma outra dessas "coincidências", o incêndio desse sábado ocorreu no lugar onde o secretário de Segurança é professor — local, também, em que seria feita a abertura da 1ª Semana Social de São Paulo, pelo cardeal d. Hélder.

A hipótese de um curto-circuito é praticamente inexistente, já que as luzes do teatro continuaram acesas durante o incêndio. Como observou o d. Paulo Evaristo Arns, "são coincidências demais para se acreditar que tenha sido ocasional".

Felizmente, não houve vítimas, entre outras razões porque as cha-

mas se alastraram no intervalo entre dois espetáculos — um deles, a peça infantil "Os corujinhas", dirigida por Marília de Castro, que havia reunido cerca de 600 crianças.

Não apenas o que restou do Tuca, como ainda um outro auditório da PUC e a sede do Diretório Central dos Estudantes estão condenados à demolição. Os primeiros passos para a reconstrução, entretanto, já foram dados. "Nossa chama é mais alta, junto reconstruiremos o Tuca", este é o slogan do comitê formado na universidade com o objetivo de reerguer o teatro. Já há um calendário de atividades a serem desenvolvidas nessa direção, prevendo a venda de adesivos, bônus e a abertura de uma conta para as doações. O DCE promoverá um show nos dias 6 e 7 para levantar fundos. Cerca de 300 estudantes de Física e Matemática realizaram uma ruidosa manifestação no sábado de protesto contra o incêndio e aproveitaram para exigir melhores condições de ensino e mensalidade mais acessíveis (M. Aparecida Bessana — diretora do DCE da PUC/SP).

T O ganha coleção do jornal Movimento

O jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, chefe de redação da coleção "Retrato do Brasil", fez uma importante doação à Tribuna Operária. Raimundo Pereira deu-nos uma coleção encadernada do jornal "Movimento", o importante semanário democrático que ele editou de julho de 1975 a novembro de 1981.

A Tribuna Operária já tinha, anteriormente, uma coleção de "Movimento", muito utilizada pela redação para consulta. Mas o atentado criminoso à sede da T.O., em abril último, destruiu completamente nosso arquivo, inclusive aquela coleção. A doação agora realizada por Raimundo Pereira é-nos, portanto, de imensa



O jornalista Raimundo Pereira

valia — para a reconstrução de nosso arquivo, e para a própria elaboração dos artigos escritos para a Tribuna Operária.

Adiada palestra de Amazonas no Imes

Devido às pressões e ameaças contra a entidade e seus diretores, o Diretório Acadêmico XIV de Outubro, do Imes de Santo André (SP), viu-se obrigado a adiar a palestra de João Amazonas, marcada para o dia 25, no Imes. Amazonas, da Comissão Pela Legalidade do PC do Brasil, iria abordar o tema "Os comunistas e as saídas para a crise".

O Diretório Acadêmico repudiou a ação dos grupos que pressionaram a entidade e o Imes a adiarem a palestra, e reafirmou que "a luta pelas liberdades políticas e democráticas possui seus defensores" que garantirão a realização da palestra em um futuro próximo.

CENSURA NA RÁDIO

No dia 20, o diretor da Tribuna

Operária, Rogério Lustosa, realizou palestra sobre "Liberdade de Imprensa e Imprensa Operária", na Tribuna Livre da Câmara Municipal de São José dos Campos (SP). A Rádio Piratininga transmitia a sessão — de acordo com contrato que tem com a Câmara. Mas, de repente substituiu a palestra por música! O vereador João Bosco, imediatamente, protestou contra a censura imposta pela rádio, e pediu providências à presidência da Câmara, já que esta mantém contrato com a emissora. Em agosto, quando João Amazonas fazia palestra na Tribuna Livre, a rádio Piratininga também havia adotado idêntica medida arbitrária, cerceadora da liberdade de expressão e informação.

Bônus do BNH é isca para os mutuários

Depois de muitas idas e vindas, às voltas com sua crise, o Conselho do Banco Nacional de Habitação aprovou um projeto que oferece aos mutuários bônus — um desconto de 5 a 35% — nas prestações dos próximos 12 meses. Pairei ainda certo mistério sobre a regulamentação da medida, por exemplo, para o mutuário que usa o Fundo de Garantia para pagar 80% das suas prestações e ainda tem direito a um bônus de 35%; será que o BNH vai devolver-lhe o troco? Em todo caso, é possível desde já apontar o conteúdo verdadeiro, antipopular, do projeto em questão.

O segredo todo da aparente generosidade do BNH está na exigência, para receber o bônus, do mutuário estar em dia com as prestações e não ter nenhuma ação em curso contra o BNH. É uma isca para a maioria de mutuários — 70% segundo as próprias autoridades do BNH — que por revolta contra as prestações abusivas ou simplesmente por não ter dinheiro deixou de pagar as prestações da casa própria.

Como se sabe, os rios de dinheiro que desde o golpe de 1964 correm no sistema financeiro de habitação vêm basicamente de quatro fontes, todas esgotadas com a crise que sacode o modelo econômico atual.

Uma é o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, criado às custas da perda da estabilidade dos trabalhadores. Acontece que, com a onda de desemprego e a recessão, minguraram os depósitos e cresceram os saques do FGTS, que já entrou com 60% do orçamento financeiro e hoje entra com 10%.

Outra fonte são os contratos com governos estaduais e municipais, através das Co-habs. Porém estes governos, trabalhando com a caixa abaixo de zero devido à centralização do sistema tributário, também estão inadimplentes. Não pagam o BNH, nem têm como pagar.

Uma terceira fonte de re-

ursos é o chamado sistema brasileiro de poupança e empréstimo — as cadernetas de poupança, que recolhem o dinheiro do cidadão que deseja ter uma reserva em caixa, alimentando as fortunas de escroques como os do famoso Escândalo de Delfin.

Este esquema, contudo, também entrou em colapso com o brusco empobrecimento das camadas médias e do povo em geral, que levou a grandes saques nas cadernetas que passaram a superar os depósitos.

Sobra a quarta fonte de recursos, o único dinheiro vivo que entra hoje no sistema, que são as prestações. Acontece que um índice de inadimplência de 70% quer dizer, trocado em miúdos, que mais de dois terços das prestações não estão sendo pagas. Os mutuários do BNH criaram por todo o país movimentos de resistência aos aumentos abusivos. Passaram a entrar com medidas cautelares na Justiça, pagando as prestações em juízo, e com ações declaratórias de ilegalidade dos reajustes. Em agosto realizaram um congresso nacional, em Brasília, que unificou a luta em torno de palavras de ordem comuns. É para fisgar os mutuários e tentar salvar o sistema às suas custas que o BNH lança agora a isca do bônus.

OPINIÃO

Aspirina não resolve

A epidemia de inadimplências no BNH é um sintoma, gritante, da crise social brasileira. Sintomas, aliás, não faltam. Há os canavieiros, em greve na Zona da Mata pernambucana e às vésperas da entressafra e da fome nas usinas do Centro-Sul. Há os funcionários da Previdência, que acabam de arrancar um aumento salarial simplesmente porque em caso contrário muitos deles ganhariam menos que o salário mínimo. Há greves de diferentes tipos, em maré montante, a despeito do fantasma do desemprego que perdura.

Ninguém se iluda, que a crise social é grande e funda para valer. Reclama, mais que aspirinas, solu-

ções cirúrgicas — que extirpem a espoliação imperialista, o sistema do latifúndio, o império dos grandes bancos e monopólios.

Fora disso, num governo democrático de transição, por exemplo, poderá haver paliativos — e o povo batalhará também por eles. Mas soluções que é bom só virão com transformações em profundidade; e é para ter liberdade de lutar por elas que as forças populares se empenham hoje, acima de tudo, em varrer do caminho o regime dos generais. Arredar este obstáculo não será o fim do combate; será sim o início de uma etapa nova, em condições mais favoráveis à conquista da emancipação popular.

Leia e estude o marxismo-leninismo

Socialismo, ideal da classe operária - 2ª edição, ampliada	Cr\$ 3.000,00
João Amazonas	Cr\$ 500,00
A atuação dos trotskistas no PT-João Amazonas	Cr\$ 200,00
Pôr fim ao regime militar-João Amazonas	Cr\$ 2.000,00
Pela liberdade e pela democracia popular-João Amazonas	Cr\$ 2.000,00
O Revisionismo chinês de Mao Tsetung-João Amazonas	Cr\$ 2.000,00
Relatório ao 8º Congresso do PTA-Enver Hoxha	Cr\$ 2.000,00
Discurso aos Eleitores - Enver Hoxha	Cr\$ 1.500,00
O imperialismo e a Revolução - Enver Hoxha (em espanhol)	Cr\$ 4.000,00
Os comunistas e as eleições - V.I. Lênin	Cr\$ 2.000,00
Em defesa dos direitos e da emancipação da mulher	Cr\$ 1.500,00
Luisa Moraes e textos de Marx, Engels, Lênin e Bebel	Cr\$ 2.000,00
Revista Princípios, nº 8	Cr\$ 15.000,00
Obras escolhidas de Marx e Engels, 3 volumes, o exemplar	Cr\$ 3.500,00
Sobre a literatura e a arte - Marx e Engels	Cr\$ 2.000,00
Manifesto do Partido Comunista - Marx e Engels	Cr\$ 4.000,00
A ideologia Alemã - Marx e Engels	Cr\$ 5.000,00
Miséria da Filosofia - Marx	Cr\$ 3.200,00
Liberdade de Imprensa - Marx	Cr\$ 1.500,00
Trabalho Assalariado e Capital - Marx	Cr\$ 4.600,00
A origem do capital - Marx	Cr\$ 2.600,00
Salário, Preço e Lucro - Marx	Cr\$ 3.300,00
Do Socialismo Utopico ao Socialismo Científico - Engels	Cr\$ 6.550,00
Anti-Dühring - Engels	Cr\$ 6.370,00
Dialética da Natureza - Engels	Cr\$ 4.300,00
A origem da família, da propriedade privada e do Estado Engels	Cr\$ 4.300,00

Pedidos com o envio de cheque nominal, no valor da compra, para Editora Anita Garibaldi, av. Brig. Luis Antônio, 317, 4º andar, sala 43. CEP 01317 - Fone 34-0689 - São Paulo-SP.

Em defesa da Juventude e do Socialismo

Manifesto da União da Juventude Socialista

"Toda noite - tem auroras,
Raios - toda a escuridão,
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção"
(Castro Alves)

Somos jovens operários, camponeses, estudantes, artistas e intelectuais. Buscamos o futuro e a liberdade, os direitos que nos são negados, a esperança banida, a vontade subjugada. Como o poeta, acreditamos que "a vida vale a pena mesmo que o pão seja caro e a liberdade pequena", e por ela estamos dispostos a viver, lutar e vencer.

Somos mesmo inconformados e contestadores, ousados e sonhadores. Que isso dê calafrios e faça tremer os guardiões da velha ordem, nada a fazer além de aconselhar que estoquem cobertores e agasalhos, pois prosseguiremos mais e mais inconformados com a falta de liberdade, contestando a injustiça, ousando contra os preconceitos, sonhando com a felicidade.

Sonhos transformados em pesadelos

No Brasil, somos exilados em nossa própria terra e prisioneiros dentro de nossos lares. Sob o pretexto de que confundimos liberdade com libertinagem, roubamos a primeira e elegem a segunda como prática oficial. Proíbem partidos e organizações avançadas da classe operária e do povo; controlam os sindicatos, impedem a legalização de entidades nacionais dos estudantes. Entretanto governo e governantes envolvem-se em tal soma de escândalos e casos de corrupção, que nada pagariam se honestidade cobrasse imposto e levariam a medalha de ouro em qualquer olimpíada de imoralidade administrativa.

Não somos um país verdadeiramente independente: a dominação imperialista torna ainda mais difícil e sofrida nossa existência. Exploram-nos a força de trabalho e a riqueza do solo e subsolo; controlam a indústria e a produção cultural, a fabricação de remédios e a programação musical das FMs, como se aqui fosse "o quintal dos Estados Unidos", como a nós se referiu um presidente norte-americano.

O sonho da formação profissional útil ao indivíduo e à sociedade é abafado pelo fantasma do desemprego ou do esforço desaproveitado. Operários, bancários, comerciários, médicos, engenheiros e desempregados, habitamos a vala comum do salário injusto ou da falta de trabalho que nos turvam o horizonte de medo e incerteza.

A oligarquia dominante jura defender a instituição familiar. Na verdade defende o autoritarismo paterno, fazendo crer a pais e mães que devem assumir, dentro de casa, o posto dos generais do Planalto ou do delegado da esquina, a reprimir e policiar os filhos. Quanto a lares operários serem destruídos pelo tormento do desemprego e das péssimas condições de vida, gerando separações e jogando filhos na marginalidade, nada disso abala o "elevado" sentimento dos nossos defensores da família.

A escola é a jaula onde nos tentam domesticar a indocilidade e a forma com que nos procuram moldar para o sagrado ofício de obedecer e servir às multinacionais, aos grandes capitalistas e latifundiários. O conteúdo do ensino tem tanto compromisso com a verdade quanto o jornalismo da TV Globo e a mesma preocupação social dos nossos ministros da área econômica.

A cultura, as artes e os esportes que enriquecem o espírito e educam o corpo são, para a maioria dos nossos, aspirações frustradas e esperanças perdidas. Os salões de espetáculos, as quadras iluminadas de esporte são símbolos de um mundo distante do qual a maioria de nós está ausente.

O despertar da sexualidade não escapa à perversão capitalista, através da qual a sensualidade é fraudada pela pornografia e a mistificação gera insegurança e amargura. O que poderia ser uma descoberta venturosa e feliz, fator de formação da personalidade juvenil, termina em choque com a pregação moralista e a prática pornográfica da moral oficial.

A droga povoa de ilusão vasto contingente da juventude que, não aceitando a brutalização de suas vidas, nela procura refúgio para um artificial momento de felicidade. Além disso, a droga alimenta com fabulosos recursos bandos reacionários e fascistas que vivem do seu comércio e cuja ação se volta invariavelmente contra os interesses da juventude e do povo. E o jovem não opta pelas ilusões se pode alcançar a felicidade como companheira inseparável e definitiva da bela aventura que é a vida.

A Juventude no Brasil Capitalista

Aqui estamos. Nas fábricas e oficinas, somos a juventude operária a calejar as mãos e derramar o suor, muitas vezes sem desfrutar os prazeres da infância e da adolescência, a camaradagem dos jogos e folguedos, consumidos na rotina implacável da linha de montagem. Nas fazendas e nos campos somos assalariados e posseiros a cortar canaviais em troca de amargo salário e a cultivar a terra que não nos pertence. Ao toque da alvorada despertamos aos milhares pelos quartéis, somos a juventude militar, chamados à defesa e à segurança que sabemos não ser da pátria nem do povo, e submetidos à disciplina que humilha ao invés de educar. Por quase 200 mil escolas somos mais de 26 milhões de estudantes secundaristas e universitários a cantarolar palavras de ordem despertando consciências e acordando o novo dia. Somamos 4,5 milhões de desempregados contidos pela muralha da recessão e de uma crise que não fabricamos. Nos grupos de teatro, música ou dança, animando festejos, improvisando jões,

estamos nós, brincando para driblar a tristeza e buscando o gol da alegria.

Enfrentamos e resistimos, no percurso desses 20 anos, ao ódio e terror do governo dos generais. Não consentimos ou calamos, nem mesmo quando o testemunho de amor à liberdade e de desprezo pelos carrascos custou o sangue generoso derramado ainda na flor da vida.

O regime militar afogou no obscurantismo toda uma geração. Baniu do país qualquer forma civilizada de conduta, fazendo-o retroceder politicamente à barbárie e ao primitivismo. Pelas suas mãos foram rasgadas uma a uma as garantias e os direitos individuais, até o ponto em que por suas "leis" pode-se cassar mandatos, intervir em sindicatos, transformar repartições públicas em presídios políticos, violar domicílios, censurar a imprensa ou prender sem culpa formada.

Tiradentes e Frei Caneca deram a vida para construir a pátria. O regime militar os repete como farsa, destruindo a pátria em benefício da dominação estrangeira. "Traição nacional" é o seu lema; "Todo poder ao FMI", sua palavra de ordem. Para as multinacionais e seus aliados internos, indústrias, minas, terras, meios de comunicação e educação nada mais são que trincheiras ocupadas ou a serem conquistadas, de onde nos levam a riqueza e tentam afogar a noção de nacionalidade.

Investimos em pesquisa científica menos que a Índia e a Argentina, abaixo de 0,2% do nosso Produto Interno Bruto. O sistema educacional falido tem seus recursos desviados para a fabricação de armas, aparelhamento dos órgãos de repressão, mordomias e corrupção dos governantes. O país tem 30 milhões de analfabetos adultos e 40 entre cada 100 crianças em idade escolar estão fora da rede de ensino.

O governo é uma espécie de Robin Wood às avessas, que toma dos pobres para dar aos ricos. Entre 1960 e 1980, os 5% mais ricos elevaram sua parte na renda nacional de 28,3% para 34,9% e os 50% mais pobres tiveram sua parcela diminuída, no mesmo espaço de tempo, de 17,4% para 14,1%. Como resultado disso, os mais ricos podem esgotar as encomendas de barcos de luxo e comprar apartamentos em dólar, como informa a imprensa, enquanto a maioria pobre diminui o consumo de carne, leite e ovos, e até de estatura, como provaram pesquisas recentes entre crianças do Nordeste e Rio Grande do Sul.

Observando esta situação, um jornal oposicionista escreveu em manchete: "O país afunda e os ricos velejam"! Até que veio a tempestade! — pode-se acrescentar, como o futuro epítáfio dos que velejam no oceano de pranto e dor de todo um povo.

Mas não é só no Brasil que a juventude tem que se haver com o capitalismo e suas consequências...

A Juventude no Mundo Capitalista

Não temos futuro no mundo capitalista, mesmo porque o capitalismo não tem futuro no mundo, parou sem estepe ou combustível na contramão da história. Sua fase última de decadência, o imperialismo, é um sistema parasitário, em agonia. Esgotando-se suas fontes tradicionais de expansão e lucro, sobrevive do expediente da corrida armamentista no que mais investe, da exploração financeira, da agiotagem internacional, dívidas e lucros com que escraviza os países dependentes.

Para manter-se e enfrentar a luta e resistência dos povos, apela cada vez mais para a repressão e o fascismo. Nos Estados Unidos da América, proíbe-se a entrada de escritores e intelectuais progressistas da dimensão de Gabriel Garcia Marquez sob a acusação de subversão e comunis-



Com muito entusiasmo, mais de seiscentos jovens participaram do lançamento da União da Juventude Socialista

mo. No Texas, só este ano foi liberado nas escolas o ensino da teoria evolucionista de Darwin sobre a origem do homem. Em alguns Cantões da festejada democracia suíça as mulheres não têm direito ao voto. Na Inglaterra, o governo ameaça convocar o exército para reprimir as reivindicações dos trabalhadores das minas e dos portos por melhores salários e garantia do emprego. O exército israelense e seus mercenários assassinam friamente crianças e velhos palestinos e libaneses no Oriente Médio. Na América Latina, generais traficantes de tóxicos e grupos fascistas financiados pelo governo dos Estados Unidos multiplicam cárceres e sepulturas para tomar ou manter o poder.

A juventude e a infância são vítimas por excelência do regime capitalista. Os Estados Unidos descem ao esgoto da imoralidade quando permitem que crianças sejam utilizadas em revistas pornográficas vendidas nas esquinas de Nova York. Mães camponesas do Peru vendem seus pequenos ao preço de 100 dólares cada por aldeias e estradas. Tal o desajuste familiar na Alemanha imperialista, que a Associação para a Proteção da Infância de Munique registra a morte anual de cerca de mil crianças vítimas de surras dadas pelos próprios pais. Jornais de São Paulo informam sobre mães que jogam os filhos famintos nas águas sujas de esgoto do Tietê ou os oferecem nas filas de ônibus, e pesquisas a quem mães confessaram acrescentar aguardente ao alimento de seus nenês para evitar que chorassem de fome. São jovens 40% dos desempregados e subempregados dos países dependentes.

Que pode esperar a juventude de tal sistema?

É por isso que a juventude protesta e luta. Nicaraguenses, salvadorenses, palestinos, trocamos o livro pelo fuzil para enfrentar a agressão imperialista. Somos multidões a encher estradas, ruas e praças da Europa, contra a corrida armamentista. Dormimos sem a certeza do amanhecer, combatendo pela paz, que só teremos com liberdade e autodeterminação dos povos.

Precisamos de democracia para lutar por uma vida melhor, pela independência nacional e pelo socialismo. Precisaremos do socialismo para assegurar o bem-estar

dos trabalhadores e garantir a democracia e a soberania nacional.

A Juventude em busca da Democracia, da Independência Nacional e do Socialismo

Por essa razão lutamos, hoje, pela liberdade, geralmente escassa em toda a nossa história, no momento prisioneira do regime militar, que precisa ser derrotada para que nos livresmos das "Salvaguardas do Estado", Lei de Segurança Nacional, Lei de Imprensa, Lei dos Estrangeiros, Lei de Greve e outros instrumentos repressivos por ele sustentado.

Um regime democrático com ampla participação popular e o rompimento com a dominação estrangeira abrirão caminho para as transformações em direção ao socialismo, no qual melhores serão as condições para assegurar e fazer avançar nossos direitos.

O socialismo é o destino da humanidade, futuro da classe operária, esperança da juventude. Disso têm certeza tanto seus defensores quanto seus desafetos, e não é por outra razão que anti-socialistas provados, como Delfim Netto, já se declararam partidários de algum tipo de socialismo.

O socialismo cresce com a capacidade de realização da humanidade, amadurece com o desenvolvimento da ciência e da técnica. Na produção ou na pesquisa, na arte ou no esporte, o esforço integrado e a elaboração coletiva realizam proezas inimagináveis a demonstrar que, além da destruição e do individualismo da sociedade capitalista, homens e mulheres descortinam a fronteira da cooperação, da iniciativa mútua e do confraternização.

Incapaz de se afirmar perante o mundo, o capitalismo busca prolongar sua existência atacando, caluniando ou simplesmente negando o socialismo. Explica a invasão do Afeganistão pela União Soviética e a revolta dos trabalhadores contra o governo polonês como consequência do socialismo e não como prova de que estes países abandonaram o caminho socialista, envolvendo-se na mesma política agressiva e antipopular do capitalismo.

O jornal "O Estado de São Paulo" insinua que o socialismo aprofundou a crise econômica e o desemprego na França e na Espanha. Omite a verdade de que o "socialismo" de François Mitterrand na França e de Felipe Gonzales na Espanha não passa de falsificação e receituário sofisticado de charlatanismo com que tentam enganar e confundir o povo, este, sim, simpatizante da causa socialista.

Apresentam como irreversíveis e definitivas derrotas e fracassos eventuais do socialismo. A quem pertencerão o futuro e a vitória? Ao capitalismo moribundo ou ao socialismo que se ergue? Não respondem. Sabem que o capitalismo conheceu revoluções vitoriosas e fracassadas para apagar o feudalismo das páginas da história, que a França da república democrática burguesa de 1789 assistiu, estarecida, algumas décadas depois, à restauração da Monarquia dos Bourbon, e que os magnatas da Inglaterra e da Suécia continuam a assentar pomposamente a coroa feudal na cabeça de seus reis e rainhas. Portanto, mesmo que neguem, sabem que é ao socialismo que o mundo saúda, enquanto a marcha fúnebre acompanha o capitalismo na jornada solitária do leito derradeiro.

Mas não basta aguardar o socialismo. Em países como o nosso, o caminho para chegar a ele passa pelo fim da dominação imperialista e do regime militar, e pela conquista de uma democracia avançada que permita elevar o nível de organização e participação política da juventude, dos trabalhadores e do povo.

O que tem o socialismo que o capitalismo não tem?

No capitalismo governam as multinacionais, grandes industriais e fazendeiros, inimigos dos trabalhadores e da juventude. No socialismo governarão os operários, ao lado dos camponeses e de todos os setores da sociedade favoráveis ao bem-estar e ao progresso.

No capitalismo a riqueza produzida pelo trabalho de milhões de homens e mu-

lheres vai, em forma de lucro, para o bolso dos capitalistas que são também proprietários de fábricas, usinas, terras, bosques e florestas. No socialismo a riqueza pertencerá aos que trabalham e produzem, e o resultado do esforço comum voltará para a sociedade, ampliando os benefícios e o bem-estar de todos.

O capitalismo é o pai do desemprego, pois precisa de contingentes de milhões de desempregados para manter os salários baixos e ameaçar os trabalhadores empregados. No socialismo todo jovem terá trabalho e salário justo, ficando proibido o trabalho para menores, já que para estes haverá educação, esporte e lazer. Os olhos da juventude camponesa viverão para ver florescer a plantação rica e farta na terra que será dos que nela trabalham ou desejam trabalhar, e por suas faces juvenis não mais rolará o pranto pela família, roça e moradia destruídas a fogo e fuzil por grileiros e latifundiários.

No capitalismo a cultura e a ciência são privilégio de poucos ou instrumento dos poderosos, enquanto a maioria padece no embrutecimento e na ignorância. No socialismo a arte, o lazer e o esporte serão direitos de todos, o ensino será público e gratuito em todos os níveis, e as universidades e escolas produzirão pesquisas e profissionais para fazer a independência tecnológica da nação, curar a esquistossomose, malária, doença de chagas, falta de moradia, analfabetismo e outros males que atingem milhões de brasileiros.

O capitalismo devasta a natureza, destrói o verde, envenena mares e rios. No socialismo as florestas e os rios serão tomados como patrimônio da juventude e da humanidade. A sigla da Lei de Segurança Nacional mudará para Lei de Segurança da Natureza. O Ministério da Natureza e Meio Ambiente tudo fará para evitar a extinção de espécies como o mico-leão-dourado, capivara e guará, mas contribuirá para a extinção de tipos iguais a Maluf, Andreaza, Delfim etc.

Para aumentar seus lucros e domínios, o capitalismo leva os povos a guerras fratricidas, ameaçando a humanidade com o desastre nuclear. No socialismo a juventude brasileira não marchará contra a juventude de outros povos, mas a ela se somará nas lutas de libertação e pela paz com liberdade e independência.

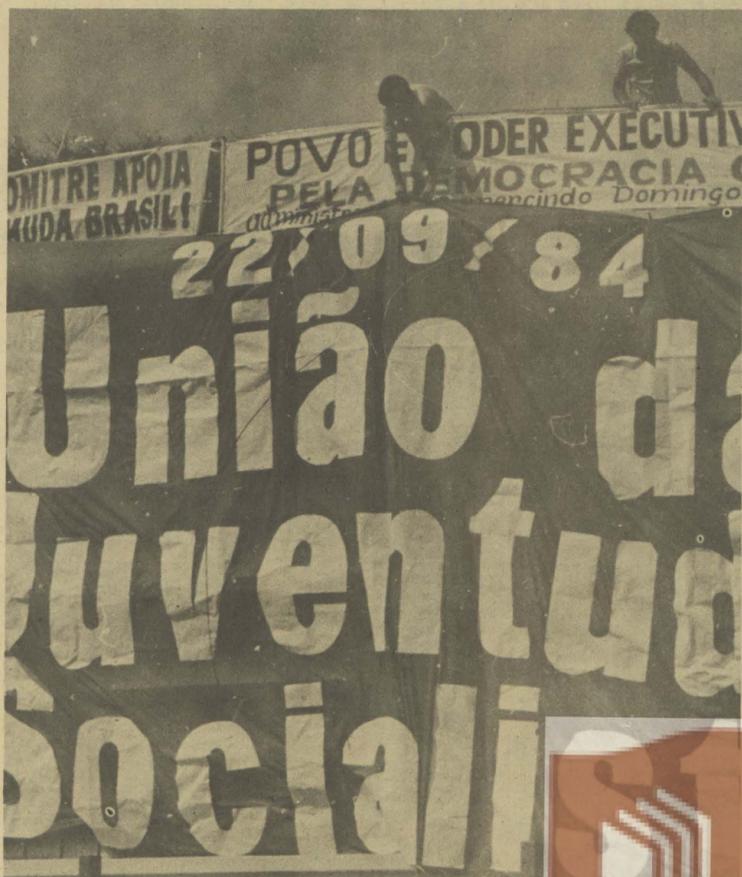
O capitalismo é o regime da discriminação e do preconceito. No socialismo homens e mulheres serão educados para o respeito mútuo e a igualdade social. Ninguém será discriminado em razão da cor da pele. A prostituição que degrada e humilha milhares de jovens, será extinta, pois dela mais ninguém dependerá para sobreviver. Os povos indígenas terão seus direitos respeitados, e contra eles não se moverá qualquer tipo de violência ou perseguição.

A UNIÃO DA JUVENTUDE SOCIALISTA convida a juventude brasileira a erguer os braços e abraçar o futuro. A vida será nossa barricada. Nas fábricas e nos sindicatos, no campo e na cidade, ajudaremos a levantar combativo e unitário movimento operário e sindical. Participaremos dos grêmios, centros cívicos, diretórios acadêmicos, da UNE e da UBES, combatendo através das reivindicações dos estudantes. Os grupos de música, teatro, coral, dança, esporte e lazer, acampamentos e excursões receberão nossa presença e apoio. O estudo da ciência e da política, da fotografia ou do desenho fará parte de nossa atividade cotidiana.

Junte-se a nós na caminhada de hoje e na chegada do amanhã. Imagine que a liberdade e o socialismo estão ao alcance da nossa mão. Mas lembre que se faz necessário lutar por eles.

Os acordes das nossas mais belas canções, as estrofas dos nossos poetas mais geniais e as mais encantadoras páginas de nossa literatura marcarão à construção do novo mundo. Haverá tempo e confiança para o amor e o trabalho. Do chão de onde se arrancou a erva-daninha da exploração e da violência brotará a fecunda planta da liberdade, da independência nacional e do socialismo. Dela todos cuidarão e colherão frutos.

São Paulo, 22 de setembro de 1984.
Iniciativa Social e Cultural da União da Juventude Socialista.



Já no dia seguinte à fundação, a UJS participou da Assembléia Popular no Pacaembu



O Grito do Campo mobiliza os agricultores gaúchos

O Grito do Campo pretende ser a maior concentração de agricultores gaúchos de toda a sua história em repúdio à atual política do governo federal. Previsto para ser no Gigantinho foi transferido para o Estádio Beira Rio. O candidato das oposições, Tancredo Neves, foi convidado para o evento e já confirmou a sua presença no dia 2 de outubro.

O Grito do Campo foi convocado pela Fecotrig (Federação das Cooperativas dos produtores de Soja e Trigo do Rio Grande do Sul), que conta com mais de 240 mil associados. Foram feitas nove reuniões regionais preparatórias, com uma média de 200 lideranças em cada uma delas. Em todas, as mesmas conclusões: não tem mais sentido reivindicar

este ou aquele remendo na política agrícola. Necessitam-se grandes mudanças, pois a política agrícola é mera decorrência do modelo econômico e este, mera consequência do modelo político.

"É importante que todos nós saíamos de onde estivermos, de cada coxilha, de cada rincão, de cada várzea, em cordões e caravanas, e

nos dirijamos a Porto Alegre." Esta conclamação foi feita pelo presidente da Fecotrig, Jarbas Pires Machado, que acrescentou: "E haveremos de levar faixas, para que as cidades, as estradas e os transeuntes nos vejam. Esse país inteiro verá de nos ouvir e essa nação inteira haverá de seguir o nosso exemplo. Brasília esteja preparada, porque, no dia 2 de outubro, com muita força e muita fé, vai ouvir o Grito do Campo".

GRANDE APOIO
Mais de 400 ônibus e centenas de carros particulares estão confirmados para o grande encontro dos produtores rurais. Cerca de 150 Sindicatos de Trabalhadores Rurais participaram das reuniões preparatórias e estão engajados na convocação. A Fetag, mesmo discretamente, passou a dar o seu apoio. As cooperativas paralisarão suas atividades no dia 2. Inúmeras Câmaras municipais deram seu apoio formal, inclusive a de Porto Alegre, por iniciativa da vereadora Jussara Cony, do PMDB.

Além da intensa difusão nas rádios e jornais do interior, estará formada uma cadeia de rádio para todo o Estado. O cardeal D. Ivo Lorscheiter manifestou o apoio da CNBB ao movimento e sugeriu que a Fecotrig deveria incluir no seu programa-sugestão a reforma agrária. Deputados estaduais do PMDB, PDT e PDS vieram em comissão hipotecar ao presidente da Fecotrig o apoio ao Grito do Campo.

A singularidade da participação de Sindicatos de Trabalhadores Rurais e Cooperativas num mesmo ato é porque mais de 80% dos associados das cooperativas possuem menos de 20 hectares de terra e mais de 90% dos associados dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais também são das Cooperativas. E, também, porque os objetivos da concentração interessam aos pequenos e médios proprietários rurais.

O PROGRAMA
Há cerca de quatro anos que várias questões relacionadas com a vida nacional vêm sendo discutidas a nível da Fecotrig em todo o interior do Rio Grande do Sul. Em 1980, os produtores rurais se mobilizaram contra o confisco da soja, dando início à ruptura deste segmento com a orientação da política econômica do governo. Em 1982, a Fecotrig fez uma mobilização estadual, com mais de 400 mil agricultores, em repúdio à política agrícola governamental. Agora, durante as reuniões preparatórias do Grito do Campo foram feitas várias sugestões e reivindicações dos pontos mais urgentes a respeito da grave crise do país.

Os 15 pontos fundamentais do programa-sugestão foram divididos em três partes: no campo político, econômico e da política agrícola. No campo político apontam para a vigência da plena democracia, consolidada pela convocação de uma Assembleia Constituinte, livre e soberana, e o resgate da soberania nacional contra os ditames do FMI.

No campo econômico, os agricultores exigem a redefinição de uma nova política econômica, com a retomada do crescimento econômico, o fortalecimento do mercado interno e a implementação de um Plano de Emergência relativo ao emprego. Na política agrária, o cumprimento do Estatuto da Terra, subsídios ao crédito rural e um programa de emergência para o pequeno produtor, entre outros. (da sucursal).

Além da intensa difusão nas rádios e jornais do interior, estará formada uma cadeia de rádio para todo o Estado. O cardeal D. Ivo Lorscheiter manifestou o apoio da CNBB ao movimento e sugeriu que a Fecotrig deveria incluir no seu programa-sugestão a reforma agrária. Deputados estaduais do PMDB, PDT e PDS vieram em comissão hipotecar ao presidente da Fecotrig o apoio ao Grito do Campo.

A singularidade da participação de Sindicatos de Trabalhadores Rurais e Cooperativas num mesmo ato é porque mais de 80% dos associados das cooperativas possuem menos de 20 hectares de terra e mais de 90% dos associados dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais também são das Cooperativas. E, também, porque os objetivos da concentração interessam aos pequenos e médios proprietários rurais.

O PROGRAMA
Há cerca de quatro anos que várias questões relacionadas com a vida nacional vêm sendo discutidas a nível da Fecotrig em todo o interior do Rio Grande do Sul. Em 1980, os produtores rurais se mobilizaram contra o confisco da soja, dando início à ruptura deste segmento com a orientação da política econômica do governo. Em 1982, a Fecotrig fez uma mobilização estadual, com mais de 400 mil agricultores, em repúdio à política agrícola governamental. Agora, durante as reuniões preparatórias do Grito do Campo foram feitas várias sugestões e reivindicações dos pontos mais urgentes a respeito da grave crise do país.

Os 15 pontos fundamentais do programa-sugestão foram divididos em três partes: no campo político, econômico e da política agrícola. No campo político apontam para a vigência da plena democracia, consolidada pela convocação de uma Assembleia Constituinte, livre e soberana, e o resgate da soberania nacional contra os ditames do FMI.

No campo econômico, os agricultores exigem a redefinição de uma nova política econômica, com a retomada do crescimento econômico, o fortalecimento do mercado interno e a implementação de um Plano de Emergência relativo ao emprego. Na política agrária, o cumprimento do Estatuto da Terra, subsídios ao crédito rural e um programa de emergência para o pequeno produtor, entre outros. (da sucursal).

No campo econômico, os agricultores exigem a redefinição de uma nova política econômica, com a retomada do crescimento econômico, o fortalecimento do mercado interno e a implementação de um Plano de Emergência relativo ao emprego. Na política agrária, o cumprimento do Estatuto da Terra, subsídios ao crédito rural e um programa de emergência para o pequeno produtor, entre outros. (da sucursal).



O Ceclat reuniu 135 delegados, no maior encontro deste tipo em Alagoas

Ceclat de Alagoas une o movimento sindical

Trinta e quatro entidades sindicais, pré-sindicais e de funcionários públicos, representadas por 135 delegados, da cidade e do campo, realizaram dias 22 e 23 o 1º Congresso Estadual das Classes Trabalhadoras de Alagoas. Foi o maior encontro deste tipo já realizado no Estado, superando os três Enclats dos anos anteriores.

UNIDADE DAS OPOSIÇÕES
O Ceclat marcou a reunificação das entidades mais representativas de Alagoas, deixando de lado as divergências menores. Compareceu uma numerosa delegação de sindicatos rurais do litoral, da Zona da Mata e do sertão. Ainda presente a representação operária, como o Sindipetro e o Sindicato dos Metalúrgicos. Entraram na luta também os bancários, engenheiros, jornalistas, médicos, radialistas, assistentes sociais, e vários outros segmentos.

Havia uma grande representatividade política no Ceclat. Na abertura do encontro, havia representantes do PMDB, parlamentares como o deputado Eduardo Bonfim, vários vereadores, o empresário opositorista Geraldo Sampaio, o PT, a Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, a Federação das Associações de Moradores de Alagoas e a UEE.

Durante o Congresso o jornalista Raimundo Pereira proferiu uma concorrida palestra, abordando principalmente a questão sucessória. Afirmou entre outras coisas que "o caminho dos trabalhadores é o apoio à candidatura da Aliança Democrática, reforçando e dando cunho popu-

lar à campanha, expondo suas reivindicações para o programa de governo democrático de transição".

Entré as principais resoluções aprovadas, no campo político, houve a de não renunciar às diretas porém lutar, se preciso, como tudo indica, no Colégio Eleitoral para derrotar Maluf e o regime. A candidatura de Tancredo deve ter a participação dos trabalhadores e do movimento sindical, de forma independente — foi a decisão do Ceclat. Os ataques a Tancredo e a proposta de "boicote" ao Colégio Eleitoral, apresentados pelos elementos do PT, foram derrotados cabalmente nas comissões e a resolução política final foi aprovada por unanimidade na plenária.

UNIDADE SINDICAL
No campo sindical o resultado maior foi a concretização do desejo de reunificar os sindicatos. Foi criada a **Unidade Sindical** e desde logo todas as entidades que participaram do Ceclat são membros natos. Ficou aberta a participação de todas as demais que quiserem aderir. E eleita uma coordenação de 17 entidades, que escolherá uma secretaria executiva para encaminhar as lutas a partir da primeira reunião, no dia 29, em Santana do Ipanema, no sertão.

O Ceclat decidiu que a Unidade Sindical não se alinhara com nenhuma das duas articulações nacionais hoje existentes, reconhecendo porém o direito de cada entidade escolher o seu posicionamento particular. (da sucursal).

Greve arranca mais 20% para os previdenciários

Apos oito dias de greve, de 18 a 25 de setembro, com paralisação de mais de 90% nos hospitais e postos de atendimento do INAMPS, os previdenciários do Rio de Janeiro deram importante contribuição ao movimento nacional dos funcionários públicos: arrancaram do ministro Jarbas Passarinho uma gratificação de 20% sobre a maior referência de cada categoria.

A tônica do processo grevista foi a combatividade. Por exemplo, no dia seguinte à decretação da ilegalidade da greve, mais de 4 mil funcionários realizaram uma vigorosa manifestação pelas ruas do centro da cidade, com faixas e cartazes, denunciando as precárias condições em que são forçados a viver e apontaram o go-

verno, com sua desastrosa política, como responsável pela situação.

O ganho econômico, apesar de aquém do reivindicado (60% sobre a maior referência), representa para certos setores um aumento de 40% no salário. Além disto, foi grande o saldo político, com elevação do nível de consciência e de organização da categoria.

Desde já os previdenciários cariocas preparam um encontro estadual, ao qual se espera a adesão do IAPAS e INPS, para discutir as batalhas de janeiro, por 100% do INPC, reajuste semestral e não-privatização da previdência social. Preparam também uma maior articulação com os outros Estados para unificar uma pauta e um cronograma de luta nacional. (da sucursal).

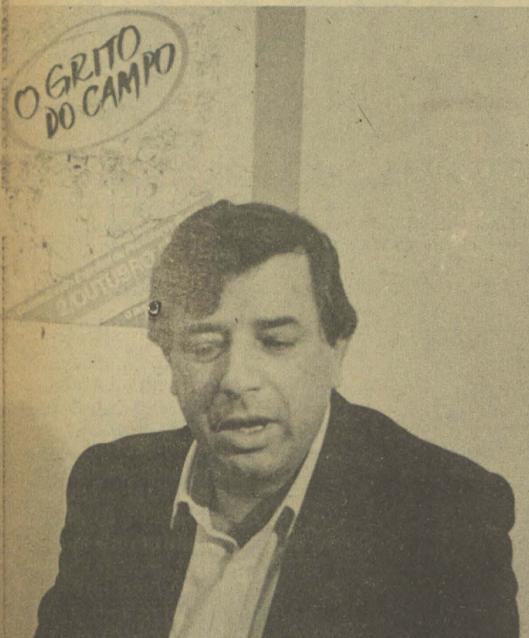
Mulheres protestam contra aumento do leite

O movimento Popular da Mulher (MPM) levou às ruas cerca de 70 mulheres para protestar contra o recente aumento do leite — fixado em Cr\$ 647,00 o litro — e reiterar reivindicações a este respeito encaminhadas desde setembro do ano passado. O MPM entregou ao Secretário do Estado do governo de Minas Gerais, Carlos Costa um documento lembrando às autoridades federais, estaduais e municipais que suas reivindicações ainda não foram atendidas. "Por isso voltamos aqui para denunciar a situação que se torna cada dia mais grave".

CRIANÇAS COM FOME
Dentre as reivindicações antigas das mulheres mineiras, estão a ampliação da rede de distribuição gratuita do leite e mudanças nos critérios dessa distribuição, atingindo crianças até 6 anos de idade. O congelamento do preço do leite, a criação de um programa especial de alimentação infantil e a distribuição do leite in natura também representam os anseios das mães de casa.

As medidas preconizadas pelo MPM se baseiam no grave quadro em que se encontram os 450 mil favelados da região metropolitana de Belo Horizonte. Segundo a presidente do MPM, Jô Moraes, cerca de 24% dessa população das favelas tem menos de seis anos de idade e recebem uma insuficiente assistência alimentar do governo. "Desta maneira, calcula-se que pelo menos 100 mil crianças belorizontinas passam fome, estando sujeitas a deformações e até a morte", afirma Jô.

"Além do mais — denuncia o MPM — recentemente as crianças de 3 a 6 anos que vinham recebendo leite gratuito através da LBA foram excluídos e o governo limitou o atendimento às crianças com segundo e terceiro grau de desnutrição". Segundo dados do DIEESE, nos últimos doze meses o leite teve um aumento de 400%, enquanto o INPC, que reajusta o salário brasileiro, aumentou apenas 200%. E o leite é um dos mais importantes alimentos para o ser humano, principalmente na idade de formação. (da sucursal)



Jarbas Machado: "Brasília vai ouvir o Grito do Campo, dia 2". Abaixo, reunião preparatória dos agricultores em Carazinho



Metalúrgicos querem que Arnaldo devolva dinheiro do Sindicato

Arnaldo Gonçalves, da Comissão Nacional pela Legalidade do PC Brasileiro (Revisionista), está para ser afastado da presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos. Não se trata de nenhum ato arbitrário do Ministério do Trabalho. Não. São os próprios operários que querem Arnaldo fora do Sindicato: ele teria apropriado Cr\$ 14 milhões dos cofres da entidade!

No dia 14, numa assembleia dos três mil operários da Companhia Siderúrgica Paulista — Cosipa —, em luta pelo reajuste trimestral, o secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, Wilson de Oliveira Carvalho, denunciou: Arnaldo Gonçalves estaria usando indevidamente o dinheiro da entidade. Entre julho de 1983 e julho de 1984, ele retirou uma série de adiantamentos salariais, gastos em viagens e passagens aéreas que ultrapassaram em muito os proventos que tinha a receber. Em março deste ano, a diretoria foi alertada para uma dívida da ordem de Cr\$ 5 milhões. A quantia



Arnaldo: investigado

da utilização irregular da verba do Sindicato, e afirmou que já havia pago o dinheiro. No entanto o Conselho comprovou que o pagamento foi realizado com cheque sem fundo...

Os gastos somente foram quitados em 30 de agosto, e mesmo assim parcialmente. É que o Conselho Fiscal exige a devolução do valor real, do dinheiro reajustado, e não do valor nominal, como fez Arnaldo. De acordo com a variação das ORTNs, o presidente devia aos cofres sindicais Cr\$ 19.553.089,00. Dessa quantia, Arnaldo só devolveu Cr\$ 5.605.827,00, causando um rombo de Cr\$ 14 milhões à entidade dos operários.

REAÇÃO DOS METALÚRGICOS

O Conselho Fiscal sugeriu o afastamento de Arnaldo Gonçalves da presidência do Sindicato e uma séria advertência ao tesoureiro, Márcio Pires Ribeiro. Juntamente com uma comissão eleita na assembleia do dia 14, o Conselho fará o levantamento total dos fatos para ser apresentado aos operários.

Arnaldo Gonçalves que, além de presidente do Sindicato, é membro da Coordenadoria Nacional da Classe Trabalhadora, da Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e da Comissão Nacional pela Legalidade do PC Brasileiro, ficou em posição bastante delicada junto à categoria. Ele admitiu ter cometido erros, "mas não fiz nada em dolo ou desonestamente, e a categoria vai julgar minhas atitudes", disse.

RESULTADOS EM OUTUBRO

O secretário do Sindicato, Wilson de Oliveira Carvalho, descarta a possibilidade de intervenção do Ministério do Trabalho no Sindicato dos Metalúrgicos de Santos: "Esse risco não existe, pois a diretoria descobriu a tempo as irregularidades e ela mesma fará a apuração dos fatos. Acho que até o início de outubro teremos todas as informações sobre o episódio, e aí convocaremos a categoria para tomar uma decisão, em assembleia, a respeito do assunto". (Apolinário Rebelo, Baixada Santista)

Violência patronal contra a greve dos canavieiros

“O governador não governa a zona da cana”, denunciou no dia 26 o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco, José Rodrigues. Os usineiros e latifundiários estão obrigando ao trabalho forçado os canavieiros em greve, usando para isso bandos armados. A polícia e a Delegacia do Trabalho nada fazem contra o patronato.

No oitavo dia de greve nos municípios de São Lourenço da Mata, Vitória de Santo Antão, Moreno, Jaboatão, Paudalho e Igarassu, e terceiro dia nos demais municípios, a Fetape estima que 80% dos trabalhadores permanentes estão parados. No total são 240 mil grevistas, em 44 municípios e 17 usinas.

No entanto, com apenas dois dias de greve, quatro municípios já davam notícias sobre violências patronais. Em Aliança, o gerente da usina local comandou seis carros cheios de capangas armados que percorreram os engenhos coagindo os trabalhadores ao serviço e tentaram intimidar os dirigentes dos sindicatos e da Fetape que coordenam a greve no local. Em Ferreiros e Timbaúna, diretores do Sindicato e da Fetape foram ameaçados por proprietários da região, acompanhados por milícias privadas. Também em Ipojuca, o proprietário armado com dois revólveres 38 e com dois capangas impediu a coordenação da greve no Engenho Arimbi.

USINEIRO PRENDE SINDICALISTAS

Também os exploradores Jorge Petribu e Geraldo Guerra foram vistos carregando capangas numa camioneta DC-10, armados com espingardas calibre 12, para intimidar os trabalhadores. Na cidade do Cabo, um usineiro arvorou-se em autoridade e prendeu três sindicalistas, entregando-os depois à polícia!

Diante das denúncias do Sindicato, os deputados estaduais Sérgio Guerra e Luciano Siqueira e o vereador de Recife Pedro Eurico, do PMDB, foram a Jaboatão, onde a Usina Bulhões colocou quase 200 volantes num engenho, para trabalhar sob



O patronato oferece somente Cr\$ 135 mil mensais para os canavieiros

a pressão de milícias partilhadas.

A Fetape enviou ao governador Roberto Magalhães, à Delegacia do Trabalho e a outras autoridades telegramas protestando contra os constantes abusos patronais. “Comandos policiais do Estado alegam necessidade de presença de inspetores da DRT para apontar irregularidades patronais que justifiquem a ação policial”, queixa-se a Fetape denunciando a DRT — que por sua vez diz não ter poderes policiais para tomar medidas contra os patrões. “Não aceitamos que grevistas fiquem jogados como caranguejos entre o rochedo e o mar por ação ou omissão de autoridade”, denuncia a Federação dos Trabalhadores.

SOLIDARIEDADE AOS GREVISTAS

Os grevistas mantinham-se firmes em não voltar ao trabalho enquanto não fossem atendidas suas reivindicações — inclusive o salário de Cr\$ 204.600,00 mensais. Mas enfrentam o problema da fome, já que os patrões suspenderam o pagamento de seus salários. Em Palmares, 50 grevistas famintos entraram num supermercado, tiraram o que queriam e deram ao proprietário do estabelecimento seus nomes e a relação de mercadorias que levavam, comprando

Assassinato na usina

Também no Rio Grande do Norte os canavieiros estão em campanha salarial, e um trabalhador já foi assassinado — na semana passada —, ao abordar o administrador da Usina São Francisco doença, estabilidade da gestante etc.

Os canavieiros tinham uma mesa-redonda marcada com o patronato para o mesmo dia em que foi assassinado Severino.

O encontro foi transferido para a quarta-feira. Mas o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado, José Francisco da

Silva, já anunciava que não seria fácil conseguir o atendimento das reivindicações — cerca de 40 —, que incluem salários de Cr\$ 204 mil, salário família, terra, auxílio doença, estabilidade da gestante etc.

O presidente da Federação dos Trabalhadores acredita que os canavieiros não sairão da campanha sem conquistas, pois já haviam votado pela greve, que seria deflagrada na sexta-feira. José Francisco alerta que “é possível repetirem-se atos de violência como o da Usina São Francisco, porque os patrões formaram seus pequenos exércitos para agredir os trabalhadores e impedir o acesso dos dirigentes sindicais aos locais de trabalho pela força das armas”. (Walter Medeiros, Natal)

tendo-se a pagá-las após o fim da greve.

Um comitê foi organizado em Pernambuco, e está se empenhando no apoio político e financeiro aos

grevistas. Até o momento em que encerrávamos esta edição, os patrões não abriam mão de sua irrisória proposta de Cr\$ 135 mil mensais de salário. (da sucursal)

Leia e assinie a Tribuna Operária
Talão de assinatura na página 9



Metalúrgicos aprovam pauta de reivindicações que unifica 17 categorias

Luta salarial une várias categorias em São Paulo

Com as assembléias realizadas na noite do último dia 21, iniciou-se a batalha salarial dos metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos, envolvendo mais de 400 mil operários. A eles somam-se ainda outras 14 categorias que, tendo quase a mesma pauta de reivindicações e data-base aproximada, realizarão este ano uma campanha conjunta.

Tanto os metalúrgicos como as outras 14 categorias (entre elas, gráficos, químicos, têxteis e vidreiros) têm como carro-chefe da campanha salarial uma pauta de reivindicações em que exigem: INPC integral; aumento real de 20%; reajuste trimestral; garantia no emprego; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais sem redução do salário; e reconhecimento das Comissões de Fábrica.

Para encaminhar esta luta unitária, os 17 sindicatos envolvidos têm se reunido constantemente na sede do Sindicato dos Têxteis. Nestes encontros já traçaram algumas iniciativas comuns, como a realização de mutirões nas grandes concentrações populares para distribuição de um manifesto unitário. Há inclusive a idéia da realização de uma assembléia de todos os trabalhadores para discutir a atual situação de arrocho salarial e delinear as formas de luta

para pressionar o governo federal.

“Pretendemos colocar a campanha salarial nas ruas e ganhar o apoio da população”, informa Luis Antônio, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Para ele, “diante dos constantes ataques do governo ao bolso do trabalhador, ninguém pode ficar isolado”. Com esta iniciativa “tentamos reunificar o movimento sindical, pelo menos a nível da Grande São Paulo. Nesta ação estão juntos sindicatos ligados à CUT e ao Conclat”, acrescenta Luis Antônio.

VAIA ANTIDEMOCRÁTICA
Por representar a maior categoria envolvida na campanha salarial, o Sindicato dos Metalúrgicos tem grande responsabilidade nesta articulação. Há um grande descontentamento com o achatamento salarial — cerca de 47% dos 330 mil metalúrgicos da capital ganham menos de três salários-mínimos. Tanto que nos últimos dois meses foram feitas mais de 40 greves, a maioria delas conquistando antecipações salariais. “Estas pequenas vitórias têm dado mais confiança na classe. Ela vê que só com luta, com greves, é possível conquistar melhorias”, comenta Nelu, diretor do Sindicato.

No entanto este clima de luta não se refletiu na primeira assembléia, que contou com cerca de 2 mil operários. Alguns ativistas da chamada “oposição sindical” preferiram ficar discutindo questões menores e usaram até o expediente da vaia, tumultuando a assembléia. “Esta casa tem que ser democrática. Se lá fora o governo militar impõe uma ditadura, aqui dentro temos que respeitar a opinião de todos os companheiros”, criticou Nair, diretora da entidade.



Nair: defesa da democracia sindical

Grande vitória dos Metalúrgicos do Rio

Os metalúrgicos do Rio de Janeiro alcançaram uma grande e significativa vitória na sua campanha salarial. Depois de realizarem as maiores assembléias dos últimos cinco anos e decretarem o “estado de greve”, os trabalhadores forçaram os patrões a ceder um reajuste salarial de 10% acima do INPC para o grosso da categoria. Este acordo é o maior conquistado no Brasil desde a existência do famigerado 2.065.

A chave para o êxito da campanha foi o amplo processo de mobilização da categoria, que logo nas suas primeiras assembléias decidiu exigir 20% acima do INPC e preparar a “greve para vitória”. Na última sexta-feira, os 2 mil operários presentes reafirmaram a disposição de deflagrar a greve. Mas na medida que a pressão foi crescendo, os patrões foram recuando e cedendo na sua intransigência. No início eles afirmaram que não abriam mão do reajuste segundo o decreto 2.065. Depois ofereceram uma proposta ridícula de 2% acima do INPC. Finalmente, nesta terça-feira, véspera da assembléia decisiva, o patronato cedeu os 10% acima do INPC.

A assembléia de quarta-feira, que contou com mais de 3 mil trabalhadores, aceitou por esmagadora maioria a proposta final dos patrões, num clima de grande animação. Os presentes cantaram em coro: “Tá com medo seu patrão, chegou a hora do peão”.

Esta experiência da luta salarial encerra importante lições para renovação do Sindicato. É inegável que o grande responsável pela vitória da campanha foi a linha de unidade e luta encaminhada pela Chapa 1, que decidiu incrementar na campanha a renovação do Sindicato. Assim a própria batalha eleitoral foi subordinada a mobilização salarial.

IMPORTANTE LIÇÃO
Enquanto isso a atuação da Chapa 2, dirigida pela CUT, foi vergonhosa, revelando o vazio do seu “oposicionismo”. Nas primeiras assembléias a Chapa 2 concentrou toda sua ação em chamar a categoria a combater o Desconto Sindical, ao invés de atacar o 2.065. Derrotada nesta linha, a Chapa 2 passou a condenar a mobilização para greve. Chegou inclusive a passar em algumas portas de fábricas desconvocando as assembléias salariais. Cabe lembrar que os integrantes da Chapa 2 eram maioria na luta salarial do ano passado, quando tiveram oportunidade de mostrar na prática sua alternativa de renovação do Sindicato. Na época a mobilização da categoria foi abandonada em função da disputa eleitoral, o que resultou no pior acordo salarial dos últimos anos. Por estas razões, nas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos, de 3 a 10 de outubro, fica mais do que claro que a continuidade da renovação iniciada com a vitoriosa campanha salarial passa pela votação maciça da categoria na Chapa 1. (da sucursal)

Bancários protestam contra arrocho

Na última sexta-feira, dia 21, bancários de diversos Estados realizaram pequenas paralisações, passeatas e atos públicos, marcando sua participação no Dia Nacional de Luta. Os aproximadamente 700 mil bancários de todo o país estão em campanha salarial, que desta vez se faz de forma unitária e a nível nacional. Eles reivindicam 100% do

INPC, reposição salarial de 25%, abono e reajuste trimestral.

Em São Paulo foram feitas manifestações de protesto em centenas de bancos, com paradas de 15 a 30 minutos, leitura do “Manifesto dos Bancários” e a realização de duas passeatas pela centro da capital. Mais de 70 mil bancários se utiliza-

ram de fitas e broches para expressar sua adesão ao movimento. No Ceará, 1.200 saíram em passeata pelas ruas de Fortaleza e pararam 10 bancos durante a parte da manhã. Surpresos com a combatividade do movimento, os banqueiros divulgaram na imprensa uma nota acusando o movimento de ter sido insuflado por “agitadores e subversivos”

e demitiram algumas lideranças grevistas. Em vários outros Estados também ocorreram manifestações, o que levou inclusive alguns banqueiros a admitirem publicamente a possibilidade de conceder o INPC integral.

LUTA UNITÁRIA

As manifestações do Dia de Luta foram deliberadas no Encontro Nacional da categoria, realizado no último dia 8, com a participação de mais de mil dirigentes e lideranças sindicais, representando 131 Sindicatos, 9 Federações e a Contec (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito). Nesta reunião foi rejeitada a contraproposta dos banqueiros, que insistem em aplicar o repudiado decreto-lei 2.065 de arrocho. Mas o mais importante é que decidiu-se realizar, pela primeira vez após o golpe militar, uma campanha salarial unitária a nível nacional. Ficou acertado que nenhum sindicato assinará em separado acordo com os patrões. “O fato de ser um movimento unitário nos leva a crer que esta será uma campanha salarial forte”, raciocina um bancário paulista.



Bancários do Ceará realizaram passeata e pararam vários bancos no centro de Fortaleza



CDM
Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Grabois

Funcionários do INPS agredidos por almirante

Uma comissão do Comando de Greve dos funcionários do INPS de Nova Iguaçu, no momento em que falava aos usuários explicando as consequências da privatização da

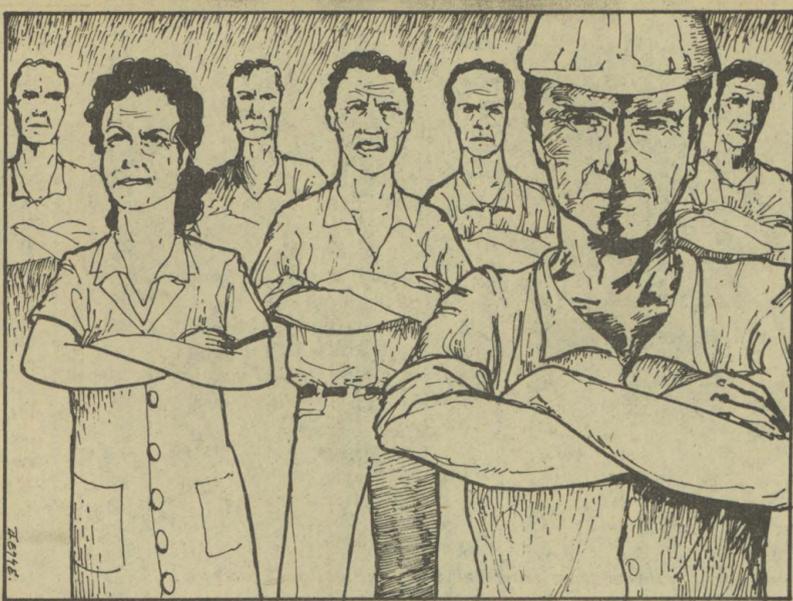
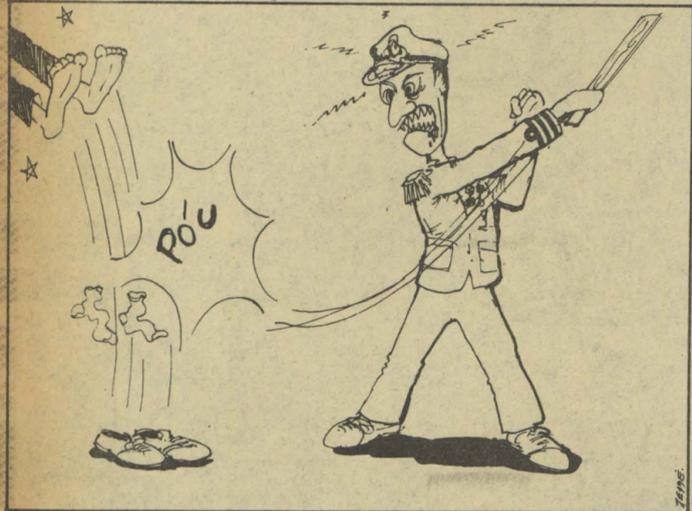
Previdência, foi brusca e ostensivamente interceptada pelo Sr. Alvaro Perez, conhecido como Almirante Alvaro Perez.

Babando ódio contra a unidade

daqueles trabalhadores que zelam pela saúde pública e a justiça da causa que defendem, ele gritava: "Isso aqui é meu, isso aqui tem dono!"

Não satisfeito com a arrogância demonstrada, própria dos detentores da oligarquia militar instalada no poder desde 1964, que procura perpetuar-se no poder, aquele senhor ainda agrediu oito pessoas pertencentes ao Comando de Greve. Dirigindo-se a uma grevista ele disse para quem quisesse ouvir: "Se eu bater em você, nada acontecerá comigo". E partiu para a ação agredindo fisicamente um dos companheiros do Comando de Greve que foi solidarizar-se com a companheira.

Este atrabiliário senhor exerce as funções de diretor do PU Dr. Wal-mor. Os fatos ocorreram no dia 20 de setembro entre 10 e 11 horas e tiveram como palco o PU Nova Iguaçu. (Correspondente da TO em Nova Iguaçu — Rio de Janeiro)



Têxteis conseguem êxitos na Celanese

No dia 13 de agosto a Celanese do Brasil jogou no olho da rua 300 trabalhadores como se estes fossem bagaços. Estas demissões foram provocadas pelo bom negócio feito entre as multinacionais Celanese e ICI do Brasil, que resultou na desativação de dois setores da fábrica. O fato das demissões terem acontecido na fase de maior mobilização de nossa campanha salarial, nos dá a certeza de que a intenção dos patrões era de barrar os operários na busca de melhores salários e condições de trabalho.

Após várias concentrações na porta da Delegacia Regional do Trabalho e passeatas no centro de Salvador, os 300 operários, com apoio do Sindicato, conquistaram o pagamento de salários adicionais às verbas rescisórias, abono de emergência de Cr\$ 300 mil, garantia de assistência médica até fevereiro de 1985 e pagamento integral do prêmio de assiduidade para os que têm férias a vencer em dezembro.

Mas tudo indica que os patrões ainda não estão satisfeitos, uma vez que na fábrica já existem rumores de novas demissões. Caso isso se concretize, temos certeza que os patrões pagarão caro, pois os trabalhadores e o Sindicato estão atentos e saberão responder com firmeza.

Enquanto isso, a multinacional holan-

desa Cobafi, segunda maior empresa em mão-de-obra do Pólo Petroquímico, vem sobrecarregando os operadores do setor de estiragem, obrigando-os a desempenhar mais de uma função. Além do serviço normal, os operadores são obrigados a varrer e lavar o chão, a cada muda de turno, sob pena de sofrerem punições.

Embora exista uma empresa servidora, contratada pela Cobafi para prestação de serviços de limpeza, os operários são forçados a assumir mais esta tarefa, enquanto os profissionais de limpeza ficam sujeitos a perder seus empregos.

Já cobramos da direção da empresa um solução para este problema, mas não houve resultado. Isso precisa ter um fim, para que não voltem a acontecer casos como o que vitimou o vigilante Amilton Alvarez do Nascimento, que faleceu no dia 11 de setembro, vítima de um acidente automobilístico quando servia de motorista para levar um funcionário que estava de hora extra. Amilton morreu às 22 horas do dia 11 e seu corpo só foi removido do local às 15 h do dia seguinte, fato que revoltou muitos funcionários, por se constituir numa atitude discriminatória. (Maria Elizete de Souza, diretora do Sinditêxtil-Bahia)

Trabalhadores da Capemi apóiam candidato único

Depois das eleições fraudulentas em outubro do ano passado, marcadas por desonestidade e traição por parte da chapa da atual diretoria do Sindicato dos Securitários do Rio de Janeiro, temos o desprazer de constatar no jornal "O Securitário" de agosto de 84 o grau de peleguice da atual diretoria.

Na primeira página, sob o título "Abono de 30%", lê-se que o nosso Sindicato, através de seu presidente, o arqui-pelego Júlio Menandro, enviou cartas às empresas, via sindicato patronal, solicitando uma reposição salarial para a classe, a fim de cobrir a perda oriunda do decreto lei 2.065! Será que eles acham que conquistaremos alguma vitória através de solicitações amáveis e bem comportadas? Ou, quem sabe, sonham eles com tamanha benevolência dos patrões?

Não se pode admitir também que, por exemplo, o sr. Júlio Menandro, em editorial do jornal do Sindicato, coloque como sendo "Nossa Opinião" em relação ao momento político, "eleger Maluf ou Tancredo já não será tão importante assim" e que "só nos resta esperar para ver o que vai acontecer". Isso é falso por vários motivos: primeiro que, com essas declarações, ele prega o imobilismo total, distanciando a massa securitária do processo político e conclamando os trabalhadores, assim, a não se envolverem com a escolha do futuro presidente da República.

Entendemos que nós, enquanto trabalhadores, somos os principais interessados em quem será o presidente e que não devemos ficar esperando e sim lutando para que aquele que tiver um programa mais de-

mocrático e voltado para os trabalhadores seja eleito. Os securitários e todos os trabalhadores brasileiros conhecem a diferença, sabem muito bem que Maluf é a candidatura dos generais, do sistema e que ele representa a direita e o fascismo em nosso país, que sua eleição, em consequência, significaria um grande retrocesso, enquanto que Tancredo é o candidato único das oposições, é o candidato da democracia.

O que fica demonstrado é que o traidor Menandro já malufou, mais uma vez traiu a classe que diz representar, não tendo coragem de admitir que é malufista, pois seria execrado por toda a categoria, ficando assim com essa balela de que tanto faz um como o outro e que o negócio é esperar. (grupo de securitários da Capemi — RJ)

Prefeito de Teresina persegue e ameaça feirantes de remoção

A Prefeitura de Teresina vem ameaçando constantemente os feirantes que trabalham fora do Mercado. Por várias vezes a Polícia Militar veio nos expulsar e tomar nossas coisas. E tem sido quase toda semana que os fiscais da Prefeitura nos ameaçam dizendo que o prefeito vai mandar nos remover daqui.

Nós trabalhamos aqui para sustentar nossa família. Dentro do Mercado não temos condição de so-

breviência. Pagamos um imposto de Cr\$ 12 mil dentro do Mercado e Cr\$ 200 fora dele. Mas não fica só nisso. O que a gente está achando mesmo é que o prefeito não quer que a gente trabalhe. Nunca tomou nenhuma providência para impedir a passagem de carros onde nós trabalhamos, apesar de existirem na Câmara Municipal vários requerimentos solicitando a interrupção do tráfego na rua do Mercado. Os carros peitam nas pessoas que fazem

compra e elas caem por cima das nossas coisas. Os fiscais só têm olhos para olhar o que a gente está fazendo, não olham para os carros que passam impedindo a feira. No dia 25/08, um jeep da Cepisa — Centrais Elétricas do Piauí —, placa BD 2165, peitou num ancião que caiu por cima do tabuleiro. Na semana passada a Prefeitura ameaçou novamente de despejo. (feirantes amigos da TO — Teresina, Piauí)

Desempregados se mobilizam em B. Horizonte

Cerca de três mil desempregados, reunidos inicialmente em frente à Prefeitura Regional, fizeram no dia 15 de setembro a primeira passeata contra o desemprego da região de Venda Nova.

Temos uma população de 600.000 habitantes, compreendendo 99 bairros na periferia de Belo Horizonte.

O objetivo da caminhada, que contou com a participação de lideranças comunitárias, Pastoral Operária da região, desempregados e o pessoal responsável pelas cozinhas do tão falado "sopão", era despertar as autoridades para a situação em que se encontram os desempregados da região. Denunciamos que

não temos fábrica e nem grandes centros industriais, pois Venda Nova é uma cidade-dormitório.

Segundo dados do IBGE, apenas 12.000 pessoas trabalham na região e, além do pouco emprego que a região oferece, existem muitas pessoas que vêm de fora para preencher estas vagas.

Venda Nova é um gigante que está acordando para suas realidades. Sabemos que não estamos mendigando emprego, se somos nós, os 97% da população, passando fome e doença, que construímos a nação, enquanto 3% dos brasileiros, têm bilhões de dólares nos bancos da Suíça.

Durante a manifestação, puxamos várias palavras de ordem: "Venda Nova passa fome, minha barriga tá roncando"; "Venda Nova Unida jamais será vencida" etc.

Como a região é muito grande e de difícil acesso, estiveram presentes 32 bairros que levaram faixas e cartazes de protesto, além de um grande painel de sopa feita pela comunidade do bairro Leblon. A comunidade do bairro da Lagoa fez um grande caixão, simbolizando que estamos morrendo de fome. (Ailton Ribeiro, presidente da Associação Comunitária do Conjunto Visconde do Rio Branco, de Venda Nova - Belo Horizonte, Minas Gerais)

Vereador se solidariza com o povo chileno

Estou acompanhando atentamente todas as edições do jornal Tribuna Operária. Em que pesem as reacionárias pressões econômicas e políticas, próprias de uma sociedade burguesa de conteúdo fascista, essa arma de fogo nas mãos dos trabalhadores, patriotas e democratas continua a crescer e a ganhar a simpatia de uma infinidade de brasileiros. Não devemos perder de vista, entretanto, que necessitamos, além de um jornal de milhões, uma rádio operária, um teatro operário, uma TV operária, um cinema operário etc. Temos que procurar for-

jar esses instrumentos na batalha do cotidiano.

Sou um parlamentar muito ligado à questão dos direitos humanos, do respeito à vida e à liberdade dos povos. Saúdo a matéria intitulada "Represália Selvagem contra a Jornada de Protesto Chilena", publicada no número 184. Parabéns ao redator pelo trabalho.

Companheiros, a intenção deste vereador é desenvolver, na Câmara, promoções sobre essa justa causa.

Saudações socialistas. (Eivaldo Alves, vereador da Câmara Municipal de Goiânia - Goiás)



Bandeiras e militares

Ao medo e à raiva da ditadura militar diante das bandeiras vermelhas no meio do povo, eu respondo com o desenho - mais bandeiras, grandes e belas, nas mãos do povo. (R.A. - Rio de Janeiro)

Destacamos neste número a carta dos previdenciários de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. No decorrer de uma reunião onde o Comando de Greve explica as consequências da privatização da Previdência Social, foram interrompidos e agredidos pelo Almirante Perez que, segundo a carta, gritava: "Isso aqui é meu, isso tem dono!"

De fato, como dizem os autores da carta, a oligarquia instaurada no poder pensa que é dona do país. Mas o povo pensa diferente e está lutando para eleger um presidente civil para pôr fim neste estado de coisas. (Olivia Rangel)



fala o POVO

"Coração de Estudante" ganha eleições para o DCE da UFRRJ

Nos dias 11 e 12 de setembro realizou-se a eleição para o DCE da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que terminou com a vitória da chapa "Coração de Estudante". Ela propôs a luta para derrotar o regime militar e Paulo Maluf em qualquer terreno e o apoio à candidatura única das oposições, na pessoa de Tancredo Neves. Além disso, colocou com firmeza a defesa das lutas específicas dos estudantes, e o combate intransi-

gente pelo ensino público e gratuito.

"Coração de Estudante" venceu com 70% do total dos votos sobre a chapa "Diretas Já" que propunha o boicote ao Colégio Eleitoral e também não apoiava o candidato único das oposições.

A eleição espelhou o sentimento de mudança que os estudantes têm, sua esperança de conquistar dias melhores para a Universidade brasileira. (João Correia, ex-presidente do DCE da UFRRJ)

Moradores de Jardim Marília tem diretoria combativa para SAB

Aconteceu no dia 19 de agosto a eleição da nova diretoria da Sociedade Amigos do Jardim Marília em Santo Amaro. Contando com a presença maciça da população, que com anseio de mudança elegeu em chapa única a nova diretoria da entidade, tendo à frente João Edmundo Schoneller, neto de João Damaso, ex-presidente da Sociedade e fundador da mesma.

A posse ocorreu no dia 15 de setembro e contou com a presença de vários parlamentares, tais como: o deputado federal Aurélio Peres, Irma Passoni, o deputado estadual Paulo Diniz, o vereador Edson Simões, representando o prefeito de São Paulo, Mário Covas, o presidente do Centro de Cultura Operária de São Paulo, José Duarte, o administrador regional de Santo Amaro, Manoel Guerreiro etc.

O acontecimento foi realizado em clima político, onde os parlamentares

presentes debatem muito a questão da sucessão presidencial, prevalecendo o apoio ao candidato único das oposições, o Sr. Tancredo Neves, e o repúdio total ao candidato trombadão Paulo Maluf. O deputado operário Aurélio Peres fez uma comparação do candidato Tancredo Neves com o ferro que vai até 1045, ou seja o ferro que derrete com maior facilidade se colocado no forno acima de 900 graus C. e comparando o Pinóquio-trombadão Paulo Maluf, o homem que conseguiu angariar a antipatia até mesmo dos generais, com o ferro que acima de 1045, ou seja, o ferro que dificilmente derrete. Nas comemorações da posse também foi apresentada a peça teatral "Joia Morena", de João Terciano — trata da questão dos sertanejos que vão para a cidade grande em busca de uma vida melhor.

(João Carlos de Oliveira, 2º diretor Cultural - São Paulo)

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Goleada em Maluf



"Tupi or not tupi", o 1º LP

A arte de Surubim Feliciano

Feliciano da Paixão o Surubim é um pernambucano, cantor, compositor e artista plástico com 20 anos de carreira. Compõe cirandas, forró, xotes, sambas, boleiros, toadas, inselencas. Música popular brasileira, portanto. Talvez por isso, somente agora conseguiu gravar seu primeiro LP, e mesmo assim por uma gravadora pequena, a Fama Som. Trata-se de "Tupi or not Tupi", onde interpreta com seu grupo várias de suas canções e algumas músicas feitas por amigos.

"Antes de ser artista, eu era metalúrgico. Trabalhei na Philco, na Omega por mais de 15 anos. Trabalhava na fábrica e na música, tirava o sustento na fábrica, mas gostava mesmo era da música", conta Surubim. Antes de operário, Feliciano foi também camponês, e este passado nas fazendas é o que mais se reflete em suas canções - como demonstramos próprios nomes de músicas como "Chegada no brejo", "Vaqueiro mole", "Terra na terra", etc.

CHEGAR NO POVO

Agora a briga do artista é para pôr seu disco no mercado: "Eu trabalho no Teatro Oficina, de São Paulo. Mas a gente tem que chegar no povo. Não dá pra ficar só no teatro. A Fama Som distribui os discos nas rádios, mas nas lojas somente as grandes gravadoras têm vez. Então o nosso jeito é ficar visitando todos os locais, levando o disco debaixo do braço, procurando um jeito de vender o trabalho".

Surubim queixa-se da discriminação existente contra a música popular: "Enfrentamos dificuldades. Quando ouvem nossa fala arrastada, os intelectuais já percebem que somos nordestinos, e daí fica difícil encontrar lugar para se apresentar, para levar nosso trabalho. Mas nós estamos aí pra enfrentar essa parada mesmo. Mostrar o que é brasileiro, mostrar as canções de nossa terra", diz, em tom de desafio. Os contatos com Surubim podem ser feitos através do Teatro Oficina, fone 239-3836, São Paulo.

Tancredo esmagou Maluf. Este foi o resultado da final da taça Guanabara disputada no último domingo no Maracanã. Acompanhando a gravidade do momento político nacional, a disputa futebolística também "politicizou-se". Assumiu contornos de um confronto direto, entre o candidato do regime militar e o candidato único das oposições. E neste, o Maluf saiu fragorosamente derrotado, em campo e nas arquibancadas.

A "politicização" da decisão foi provocada por mais uma artimanha malufista. Na semana anterior à decisão, o preparador físico do Fluminense e amigo pessoal do general Figueiredo, Nazareno Barbosa, organizou uma visita de cinco titulares do time ao candidato do PDS em Brasília. No mesmo dia, uma comitiva mais ampla encabeçada pelo presidente do Fluminense, Manoel Schwartz, foi ao Palácio do Planalto entregar a faixa de campeão brasileiro ao presidente da República.

O comentário geral na cidade do Rio era de que o Fluminense havia "malufado". A derrota do clube na decisão passou a ser uma questão de honra até para torcedores de outros times como Botafogo e Vasco, rivais tradicionais do Flamengo no Estado. O sentimento antimalufista é tamanho que até torcedores do próprio Fluminense decidiram apoiar o Flamengo para derrotar politicamente o candidato do PDS.

Mas a tentativa de vincular o Flu ao Maluf é uma grande injustiça para a torcida tricolor. É verdade que a diretoria do clube mantém relações estreitas com o PDS. No início deste ano, após desistir de coordenar a sucessão presidencial no PDS, o próprio general Figueiredo veio ao Rio coordenar a eleição do novo presidente fluminense, Manoel Schwartz. Mas a torcida do clube sempre se caracterizou por posições oposicionistas e democráticas.

Na final da taça Brasil deste ano, por exemplo, ela puxou, junto com a torcida do Vasco, um gigantesco coro de "diretas já" antes do início do jogo. Por isto, a reação dos torcedores não se fez esperar. Um dia após a empreitada malufista dos cinco jogadores, o telefone do clube não parou de tocar com violentos xingamentos de tricolores revoltados. No treino do time, apareceu uma faixa levada por torcedores dizendo "Maluf é corrupção, Tancredo é a solução". O clima no clube ficou tão tenso que o time teve de sair da sede das Laranjeiras para treinar em Xerém.

No dia do jogo, foi esta questão que esteve no centro das atenções dentro e ao redor do estádio. Enquanto tricolores xingavam flamenguistas com o tradicional "urubu", eram recebidos com gritos de "malufistas", "corruptos", em vez do tradicional "pó-de-arroz", deixando-os em situação constrangedora. Esta defensiva dos torcedores do Flu se refletiu até mesmo no comparecimento da torcida tricolor ao estádio, que foi bem abaixo do que poderia se esperar numa final.

"MALUF, NÃO"

Do lado da torcida do Fluminense, a arquibancada estava coberta de cartazes feitos à mão pela torcida "Força Flu" escritos "Maluf, não; fora, Nazareno; flusão já". Outra faixa feita por torcedores que não pertencem a nenhuma torcida organizada foi muito aplaudida ao entrar com os dizeres "O Flu não vai malufar, diretas já". A torcida do Flamengo respondia com ironia e uma faixa escrita "O Fla não malufa" desfilava constantemente no lado rubro-negro da arquibancada. Os tricolores responderam com uma faixa escrita com as cores do clube - "Maluf, não". Do lado do Flamengo apareceu uma outra faixa escrita "Muda, Brasil; Tancredo já". Por fim, pouco antes do jogo iniciar, surgiu uma faixa gigantesca da torcida do Flu com os dizeres "Maluf é corrupção, Tancredo é a solução", recebida aos gritos de "Tancredo".



A torcida flamenguista tancredeou e levou o time à vitória; a malufada de Vitor (foto) foi fatal ao fluminense

O Fluminense acabou perdendo para o Flamengo por um a zero. Mas o Maluf saiu goleado pelo Tancredo. Pois a grande disputa entre as duas torcidas era ver quem repudiava mais o candidato do PDS. Do lado do Flu esboça-se já uma séria crise política no clube, a torcida está exigindo a demissão de todos os responsáveis pela "malufada" dos jogadores. Afinal, para os tricolores não restam dúvidas de que o grande responsável pela perda do título foi o candidato do PDS, Paulo Salim Maluf.

Luis Fernandes



Foto: Vidal de Andrade

Malufismo é repudiado pela torcida tricolor

No dia do jogo, a Tribuna Operária entrevistou mais de 30 torcedores fluminenses, em diferentes locais da arquibancada, sobre a malufada. Ninguém apoiou. Houve opiniões de torcedores condenando o que consideraram uma "utilização indevida da política no jogo", mas o repúdio a Paulo Maluf foi generalizado. Eis alguns depoimentos:

"Eu acho uma palhaçada. Não se deve misturar política com futebol. Estão sujando o nome do clube. Maluf é ladrão. Política é política, futebol é futebol. Eu sou pelas diretas. O Tancredo é pelas diretas e eu estou com ele." — Sérgio, 19 anos, estudante de 2º grau, da torcida organizada "Influente".

"Tá super errado. Futebol não tem nada a ver com política. Tem que fechar espaço para a política no futebol. Ainda mais para o Maluf. Se ainda fosse o Tancredo, tudo bem. Ai o torcedor fica revoltado. A torcida do Fluminense é grande mas é meio fria. Com uma dessa esfria mais ainda." — Marcelo, 26 anos, vendedor, da torcida "Jovem Flu".

"Na minha opinião, eles estão errados. A gente vai continuar com essa política que está aí, com o povo passando fome? Não tinha que entrar nessa parada. Botaram o Fluminense como apoio do PDS. Pode perguntar para a torcida toda que está todo mundo contra. E essa do Paulo Vitor (goleiro do time)? Fugiu da concentração no sábado para encontrar com o Maluf. Se ele fringar hoje, está acabado. E se eles perderem, estão todos fulminados. Eu sou um que não volto

ao Maracanã. Tá tudo jogando de sapato alto e ainda vem apoiar o Maluf, nego pensa que a torcida do Fluminense é de elite, mas não é não. É toda ferrada igual as outras. O que a gente não podia comprar no mercado com os cinco mil da entrada? A gente vem aqui para esquecer por 90 minutos dos problemas lá de fora, a prestação para pagar, vem para fazer aquela festa e ainda vêm esses caras estragar tudo. Vão tirar até a nossa última alegria." — Marcos, 31 anos, funcionário público.

"Maluf tem mais é que morrer. Não tem apoio de nenhuma torcida de time qualquer. A gente já está arrasado, se ele entrar vai ficar pior ainda. Sou tricolor e sou contra o Maluf. Mas eles vão se dar mal porque nós somos Tancredo também. Todas as torcidas são uma só pelo Tancredo." — Jairo, 24

anos, comerciante.

"Eu acho que política e futebol não se misturam. Essa campanha toda em torno do Maluf foi armada pelo Flamengo. O clube não tem time, não tem essa de Maluf nem Tancredo. O clube é o clube. Eu, pessoalmente, sou pelo Tancredo. Todos têm o direito de apoiar quem quiser, não podem é usar o nome do clube. Se não me engano, o Maluf nem é Fluminense." — Carlos Libório, bancário, 27 anos.

"Atleta profissional deve ser apolítico. Deve ter todas as atenções voltadas para o interesse do clube. Alguns elementos do quadro de associados tentaram envolver o nome do clube com o Maluf. Devem ser excluídos do quadro, considerando o estatuto do clube, que não tem nada a ver com política." — José Carlos da Silva, 45 anos, comerciante.

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.

Telefone: 36-7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOBR. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Ranjel.

ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobrelaje. CEP 57000. Macalé: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000. AMAZONAS - Manaus: Rua Simão Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53 - São Lázaro. Telefone 237-6644 - CEP 69000.

BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1, Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua América Aves, 6-A - CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesf) - CEP 43700.

DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício V. I. Anício Via - sala 312 - CEP 70302.

CEARA - Fortaleza: Rua do Rosário, 313 - sala 206, Centro - CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960.

Tribuna Operária

Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.

ESPIRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 28000. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.

GOIAS - Goiânia: Rua 27, nº 69 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua Desembargador Jaime, 193, sala 205 - CEP 77100.

MARANHÃO - São Luis: Rua da Comandante Costa, 548 - Fone 65500.

MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone 321-5095 - CEP 78000.

MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.

PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000.

PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Calçadão - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100.

PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428, CEP 80000. Londrina: Rua Serpente 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.

PIAUÍ - Teresina: Rua Barroso, 144 - 1º andar, sala 4 - CEP 64000. PERNAMBUCO - Cabo: Rua Virgílio Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossego, 221, Boa Vista.

RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alecrim - CEP 59000.

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua General Câmara 52, sala 29 - CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Cannale, 1891, 2º andar, fundos, CEP 95100. Pelotas: Rua Andradinha, 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1325, sala 20. Aberto depois das 18 horas e sábados das 9 às 12 horas.

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Álvaro Alvim, 31, sala 1801 - Cinelândia - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, 2248, sala 4, Centro - CEP 26000.

SÃO PAULO - Americana: Av. dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Costa Aguiar, 333, telefone 2-6345 - CEP 13100. Marília: R. Joaquim Barreto, 295 - CEP 17500. Osasco: Rua Tenente Avelar Pires de Azevedo, 26 - 2º andar, sala 12 - CEP 16000. Santo André: Travessa Lourenço Rondinelli, 35 - Centro - CEP 09000. São Bernardo do Campo: Av. José Arthur da Frota Moreira, 61 - Ferrazópolis - CEP 09000.

São José dos Campos: Rua Vila Rica, 195, 1º andar, sala 19 - Centro - CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, sala 5, CEP 12100.

SERGIPE - Aracaju: Avenida Rio Branco, Edifício Ovidio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up, Fotolito e Impressão, Cia. Editora Jorúes, Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 40.000,00
 Anual comum (52 edições) Cr\$ 20.000,00
 Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 18.700,00
 Semestral comum (26 edições) Cr\$ 9.350,00
 Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70,00

NOME: _____
 ENDEREÇO: _____
 BAIRRO: _____
 CIDADE: _____ CEP: _____
 ESTADO: _____
 PROFISSÃO: _____ DATA: _____

Endereço a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer.

SEMANA DECISIVA PARA DIRETAS - JÁ

Povo volta às ruas
 Luta de operários
 Semanas decisivas
 Preencha e envie hoje mesmo o cupom do lado.

Juventude Socialista está de pé

Com grande animação e entusiasmo, mais de 600 jovens vindos de vinte Estados brasileiros fundaram dia 22, na Assembléia Legislativa de São Paulo, a União da Juventude Socialista. A nova organização propõe-se a lutar pelo direito dos jovens "à liberdade, ao trabalho, esporte, lazer, educação e cultura, à divulgação e estudo do socialismo científico".

No Salão Nobre da Assembléia, uma enorme bandeira da entidade a ser fundada e o desenho de um jovem revolucionário ocupavam locais de destaque. Aos poucos, na medida em que chegavam as delegações dos Estados, as paredes laterais ficaram forradas de faixas e cartazes expressando os anseios da juventude.

Clara Araújo, ex-presidenta da UNE, abriu o ato convidando os componentes da mesa: parlamentares, poetas, artistas, desportistas, dirigentes sindicais, representantes dos movimentos de mulheres, de bairros, do movimento negro, o presidente da UNE, Acildon Pae, e o da UBES, Delcimar Pires; e ainda representantes da Comissão pela Legalidade do PC do B e das juventudes de outros partidos que foram levar seu apoio.

Aldo Rebelo, também ex-presidente da UNE, presidiu os trabalhos. Seu discurso de abertura foi bastante aplaudido ao citar o noticiário dos jornais do dia, onde os altos comandos do Exército e da Aeronáutica afirmavam que não tolerariam "badernas" e "anarquia" na campanha sucessória. "De que baderna eles estão falando, companheiros?" — indagou. — Será que é do entreguismo, da corrupção, do assassinato de patriotas, da dívida externa, do arrocho salarial? Não. Para eles baderna é a luta do povo por seus direitos e por liberdade. Mas para nós, quem está fazendo baderna não é o povo e sim os generais que estão no poder há vinte anos e que entregaram o Brasil ao FMI e às multinacionais".

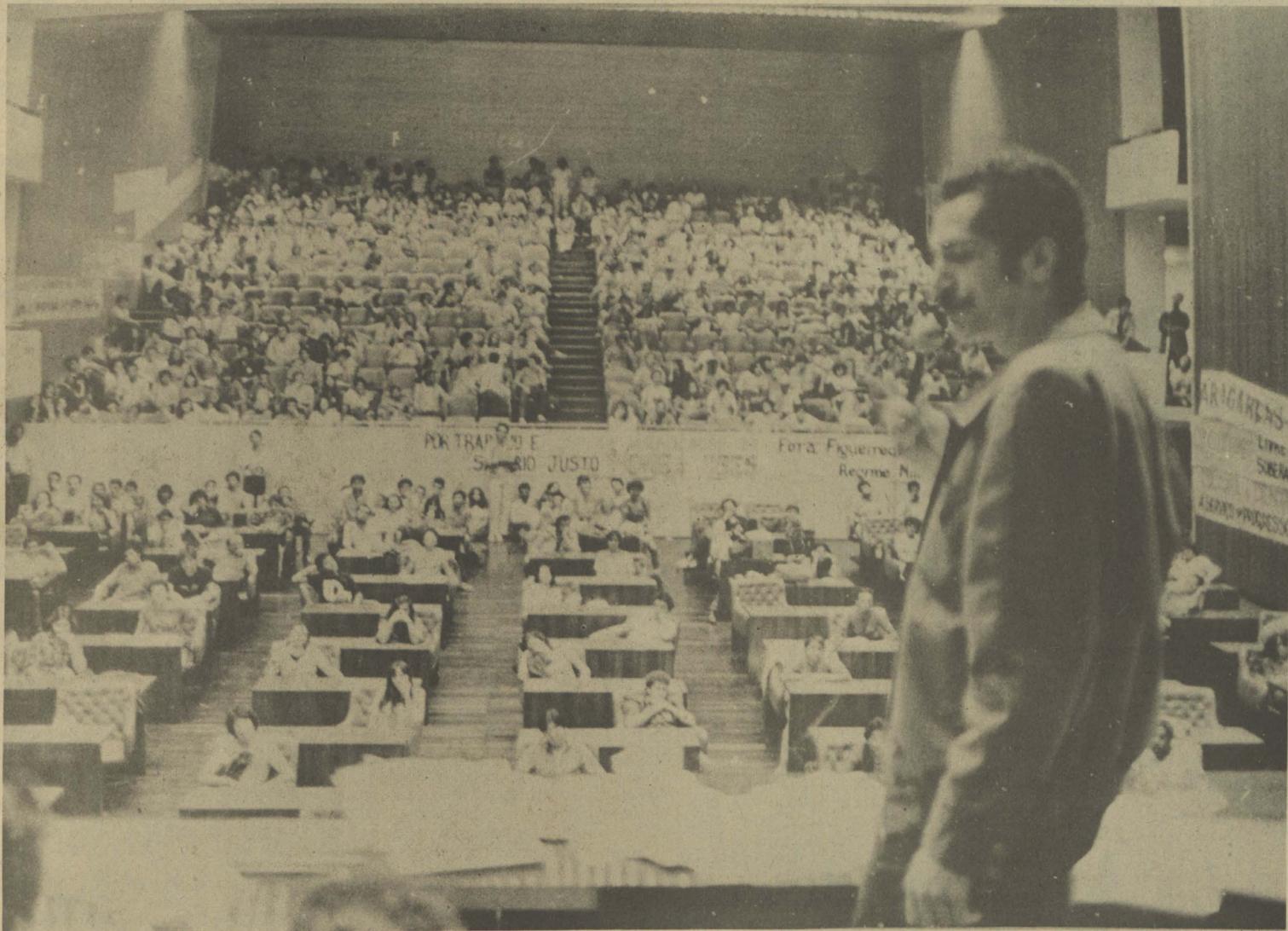
Revolta e participação surgem desde cedo...

Ao analisar a conjuntura política do país, Aldo enfatizou que a UJS apóia a candidatura única das oposições, encabeçada por Tancredo Neves, que pode abrir espaço para que a juventude e todo o povo tenham um pouco de liberdade. E agregou: "Os jovens querem muito mais. Querem conquistar o socialismo. Mas se o caminho que temos a trilhar neste momento e neste rumo é apoiar Tancredo, nós o faremos".

Duas diretoras do Centro Cívico do Colégio Estadual Maria José, de São Paulo — Mariana Rangel Joffily, de 11 anos, e Nara Cristina Guizoni, de 12, foram apresentadas como exemplos de que a inquietação da juventude, hoje, começa cedo. "Gente — disse Mariana — eu queria agradecer a todos que estão aqui e dizer que assim como eu estou tentando fazer alguma coisa no Centro Cívico, para os alunos, quero que a Juventude faça o mesmo para todos os jovens. Quero que eles tenham esporte, diversão e cultura. E que todos juntos derrubemos a ditadura militar".

Nara embatucou: "O que eu vou dizer? A Mariana já falou tudo, né? Um beijo!" E assim, entre risadas e aplausos, concluiu-se a primeira fase do ato de fundação da UJS.

Durante o almoço a **Tribuna Operária** ouviu diversos delegados, que ser-



Aldo Rebelo, coordenador-geral, no lançamento da União da Juventude Socialista; Mariana e Nara querem esporte, cultura e diversão para os jovens

vem de amostra de quem está construindo a nova organização.

Carlos Alberto, carioca, 19 anos, contou: "Meu pai é operário da construção civil. Sou órfão de mãe e filho único. Preciso trabalhar para sobreviver. Não consegui estudar e trabalhar ao mesmo tempo e acabei largando o estudo. Quando estava na idade de alistamento, fui demitido. Fiquei sem perspectiva nenhuma. Tinha amigos que usavam droga. Acabei entrando nisso. Mas vi muitos amigos morrendo devido ao uso de drogas, outros que viraram bandidos. Entendi que a droga me levava para um mundo de sonho e me distanciava dos problemas da sociedade. Tinha entrado na droga por curiosidade, por falta de perspectiva e por ignorância. Aí conheci o pessoal da UJS. E passei a acreditar de novo no futuro".

Já o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté, Enéas Silva dos Santos, 22 anos, relata: "Como eu era obrigado a trabalhar em dois turnos, de dia e de noite, não pude seguir um curso de desenhista mecânico. Sentia muita revolta. Comecei a participar da juventude do PMDB. Mas a juventude quer muito mais do que isso, quer um futuro de confiança, segurança no emprego, justiça. E o único jeito é o socialismo".

A alagoana Ana Cláudia Cerqueira está fazendo Serviço Social na Universidade Federal de seu Estado e é candidata a diretora do DCE, pela Chapa "União Na Luta". Para ela, que sempre se revoltou com as injustiças que vê, entrar na UJS é uma maneira de lutar "pelos direitos que os jovens não têm no Brasil de hoje".

Aos 26 anos, Mario Roberto Santos Dias é capoeirista e Mestre Zumbi, trabalhando na Academia Cordão de

Ouro, em Goiânia. "Meu pai — conta — é caminhoneiro. Dei um duro para estudar e trabalhar. Comecei inclusive a fazer Engenharia Civil, mas não tive condições financeiras de continuar, tinha quatro irmãos para ajudar a sustentar. Aí fiquei no departamento de Cultura do DCE da Universidade Federal de Goiás. Comecei a ensinar capoeira, que pratico desde menino. Eu senti na carne as consequências desse governo que está aí há vinte anos. Defendo o socialismo porque é o regime que pode libertar o país. Um povo precisa de um ideal como bandeira de luta, de esperança de um futuro melhor. Ainda é apenas um sonho. Mas vivido com intensidade, pode se tornar realidade".

Socialismo é um sonho que pode se realizar

Um trabalhador rural do norte de Goiás, 26 anos, falou sobre a situação do jovem no campo: "Não temos liberdade. Somos oprimidos. Trabalhamos e os patrões não pagam. Somos reprimidos pela polícia e tachados de terroristas. Recebemos ameaças de pistoleiros. O anseio da juventude lá é mudar o regime".

J.M.S. (que pediu que seu nome não fosse publicado temendo a demissão) é bancária e estudante de letras, mora em São Paulo e tem 28 anos. "Já fui doméstica, babá e operária. Só agora consegui fazer uma faculdade. Meu sonho é ser professora, se deixarem. Resolvi participar da UJS porque a sociedade empurra a gente para isso. É a rebeldia contra as injustiças que eu sofri e que 95% da população sofre. Comecei a trabalhar aos 12 anos. Aos oito já era uma dona de casa, cuidando dos irmãos menores. Quando a gente começa, não quer parar, principalmente a mulher. A gente vê uma luzinha e quer conquistar espaço. E escreve aí: Viva a luta do povo!" — exclama, entusiasmada.

Wagner Gomes Cardoso, 19 anos, metalúrgico desde os 14, é de Manaus, filho de operários, com cinco irmãos, e comenta: "Moro num bairro de invasão, Betânia, no Igarapé do 40, perto do Distrito Industrial. Comecei a ter uma participação na escola, entrei na Viração Secundarista. Depois sai da escola por falta de condições de estudar. E perdi o emprego. Aí, a gente sentia necessidade de um movimento que organizasse os jovens operários, dos bairros, que ficam sem perspectiva de nada, sem lazer nem estudo e trabalho".

Hélio Fernando, 29 anos, advogado, elegeu-se prefeito de Aragarças com os votos da juventude e da periferia, vencendo o domínio do PDS sobre aquela pequena cidade na divisa de Goiás com Mato Grosso. E ao voltar a Aragarças, promete, "vou dizer que encontrei aqui uma juventude corajosa, alegre, que quer mudanças.



Nós temos um espaço muito grande a ser conquistado."

Da cidadezinha de São Miguel Arcajo, no Vale do Ribeira, São Paulo, veio o jovem José Roberto Salim, que quer se aperfeiçoar como boxeador mas encontra mil barreiras. "A gente vai pedir apoio ao prefeito (que é do PDS) e eles dão risada da gente. Eu treino na casa de minha avó. Amarro um saco debaixo do abacateiro. Mas agora meu avô quer cortar a árvore!" — exclama, com um sorriso que não esconde uma ponta de amargura.

Já Paulo César de Andrade Carvalho, 21 anos, é vereador em Juazeiro da Bahia, um dos mais jovens do país, pois completou 18 anos na data limite para candidatar-se. Para ele, "Juazeiro já não é a mesma de antes, porque a juventude quer despertar. E vai despertar mais ainda quando a gente contar o que viu aqui." Filho de um policial militar e de uma família que só votava no PDS, hoje ele tem o apoio de todos em casa. Participou de um grupo de jovens da Igreja, até tomar contato com as idéias do socialismo, que pretende levar a todos os jovens através da UJS.

A tarde começou com um show do compositor Itamar Correia, um entusiasta da UJS. Em seguida, os delega-

dos, debateram e aprovaram o "Manifesto aos Jovens" (veja o texto na página 5), expondo o programa da organização. E elegeram uma coordenação nacional: Aldo Rebelo, coordenador geral; Javier Alfaya, coordenador de cultura; Clara Araújo, de educação; Elisio Macambira, de esporte e lazer; Ana Rodrigues, de finanças; Apolinário Rebelo, de imprensa; Marta Maia, de assuntos do menor; Adalberto Monteiro, de ecologia e meio ambiente; Fredo Ebling, de relações internacionais; Henrique, de assuntos estudantis; e Enéas dos Santos, de assuntos sindicais.

No encerramento houve um show musical e esportivo, por conta do grupo Canto Multiplicado, da Comunidade Coral Luther King, do grupo musical Atalho e do conjunto chileno Andes. Apresentaram-se também o poeta Nelson Meira, do grupo Poetas da Praça, de Salvador, e o grupo Pirituba Força e Saúde, que fez uma demonstração de atletismo.

Já tarde da noite, quando as luzes da Assembléia Legislativa se apagaram, a turma ainda cantava e dançava comemorando o feito histórico. Esta-va formada a União da Juventude Socialista. (Olivia Rangel e Domingos de Abreu Miranda)

A corrupta juventude do Maluf

Na semana passada jornais paulistas publicaram com destaque anúncios de um desconhecido Movimento Brasil Futuro. Numa linguagem empolada e demagógica — parecida com a de seu mentor —, o manifesto afirma seu "incondicional apoio ao deputado e engenheiro Paulo Maluf, lídimo representante dos ideais democráticos da juventude brasileira".

O documento dos jovens malufistas não faz nenhuma alusão aos principais problemas que afligem a juventude brasileira, como o desemprego, a falta de liberdade, a fome, a falta de escolas. Sintomaticamente, a liderança deste agrupamento é formada por filhos de empresários, mas preocupados com

seus carros importados ou as férias no Caribe do que com o "destino de nossos irmãos brasileiros", como apregoam.

Flávio Rocha, herdeiro do império de confecções Guararapes, diz que está no Movimento porque "Maluf é privatista". Flávio pretende candidatar-se a deputado federal pelo Rio Grande do Norte e seu principal ídolo é Ronald Reagan. Todos consideram a corrupção coisa natural. Jorge Calfat, 32 anos, declara que "qualquer meio para se conseguir votos é tão bom quanto o outro". Adriana Maluf — seu pai é primo do candidato —, dona de uma confecção, cõia: "Gosto do jeito dele agir. Além disso, quem não quer mudar o corrompe".



Durante o ato os delegados tiveram tempo de se divertir e cantar